

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS, CIDADANIA E  
POLÍTICAS PÚBLICAS

**Limites e Possibilidades do Estado Plurinacional Boliviano: Um olhar a  
partir de Beni**

**Tathiana Lacerda Alcón**

Orientador: Prof. Dr. Estevão Martins Palitot

Linha de Pesquisa: Território, Direitos Humanos e Diversidade Sociocultural

JOÃO PESSOA –PB  
AGOSTO -2017

**LIMITES E POSSIBILIDADES DO ESTADO PLURINACIONAL  
BOLIVIANO: UM OLHAR A PARTIR DE BENI**

**Tathiana Lacerda Alcón**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas. Área de concentração em Políticas Públicas em Direitos Humanos

Orientador: Prof. Dr. Estevão Martins Palitot

Linha de Pesquisa: Território, Direitos Humanos e Diversidade Sociocultural

JOÃO PESSOA/PB

2017

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

A3541 Alcón, Tathiana Lacerda.  
Limites e possibilidades do estado plurinacional  
boliviano : um olhar a partir de Beni / Tathiana  
Lacerda Alcón. - João Pessoa, 2017.  
75 f. : il.

Orientação: Estêvão Martins Palitot.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Direitos humanos. 2. Indígenas. 3. Diversidade  
sociocultural. 4. Território - Indígenas. I. Palitot,  
Estêvão Martins. II. Título.

UFPB/BC CDU 342.7(043)

Elaborado por GRACILENE BARBOSA FIGUEIREDO - CRB-15/794

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS, CIDADANIA E  
POLÍTICAS PÚBLICAS



ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA MESTRANDA TATHIANA  
LACERDA ALCON, DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS  
HUMANOS, CIDADANIA E POLÍTICAS PÚBLICAS/CCHLA/UFPB.

Aos trinta e um (31) dias do mês de julho do ano de dois mil e dezessete (2017) às quinze (15) horas, no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas, realizou-se a Sessão de Defesa de Dissertação da mestranda **TATHIANA LACERDA ALCON**, Matrícula 2015122040, intitulada: "**LIMITES E POSSIBILIDADES DO ESTADO PLURINACIONAL NA BOLÍVIA: UM OLHAR A PARTIR DE BENI**". Estavam presentes, os Professores Doutores: ESTEVÃO MARTINS PALITOT (Orientador/PPGDH/UFPB); ÉLIO CHAVES FLORES (Examinador interno PPGDH /UFPB) e KELLY EMANUELLY DE OLIVEIRA (Examinadora Externa/UFPB). O Professor ESTEVÃO MARTINS PALITOT, na qualidade de Orientador, declarou aberta a Sessão, e apresentou os Membros da Banca Examinadora ao público presente, em seguida passou a palavra à mestranda TATHIANA LACERDA ALCON, para que no prazo de trinta (30) minutos apresentasse a sua Dissertação. Após exposição oral apresentada pela mestranda, o Professor Orientador, passou à palavra aos membros da Banca Examinadora para que procedessem à arguição pertinente ao trabalho. Em seguida, a mestranda respondeu às perguntas elaboradas pelos Membros da Banca Examinadora e, na oportunidade, agradeceu as sugestões apresentadas. Prosseguindo, a Sessão foi suspensa pelo Orientador, que se reuniu secretamente com os Membros da Banca Examinadora, e emitiu o seguinte parecer:

A Banca Examinadora considerou a DISSERTAÇÃO: Aprovada, devendo  
proceder às revisões apontadas no parecer pela  
Banca Examinadora até o depósito final.

A seguir, o Orientador apresentou o parecer da Banca Examinadora a mestranda, bem como ao público presente. Prosseguindo, agradeceu a participação dos Membros da Banca Examinadora, e deu por encerrada a Sessão. E, para constar eu, Antonio Marcelo do Nascimento Neto, na qualidade de Secretário do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas, lavrei a presente Ata que segue assinada por mim e pelos Membros da Banca Examinadora, em testemunho de fé.

João Pessoa, 31 de Julho de 2017

*Estevão Martins Palitot*  
*Kelly E. de Oliveira*  
*Antonio Marcelo do Nascimento Neto*

*Aos meus avós*

*Soy, soy lo que dejaron, soy toda la sobra de lo que se robaron. Un pueblo escondido en la cima, mi piel es de cuero, por eso aguanta cualquier clima. Soy una fábrica de humo, mano de obra campesina para tu consumo, frente de frío en el medio del verano, el amor en los tiempos del cólera, mi hermano! Soy el sol que nace y el día que muere, con los mejores atardeceres. Soy el desarrollo en carne viva, un discurso político sin saliva, las caras más bonitas que he conocido. Soy la fotografía de un desaparecido, la sangre dentro de tus venas. Soy un pedazo de tierra que vale la pena (CABRA; ARCAUTE; PÉREZ, 2011).*

## AGRADECIMENTOS

Eu me sinto muito feliz por esse momento de agradecer, se agradeço é porque muitas foram as mãos que me auxiliaram, várias foram as experiências, não apenas de pesquisa, mas de vida, e permeando o período do mestrado um milhão de dúvidas e quase desistências também.

No entanto, chegamos aqui, eu cheguei aqui!

Enxergo que essa página resume toda a vida acadêmica do mestrado e, por sua vez, um pedaço da minha vida também. Agradeço a essa oportunidade de crescimento pessoal e profissional. De imediato consigo lembrar que Deus me sustentou por todo esse tempo, me deu força para começar, continuar, continuar e finalizar.

Dedico a dissertação aos meus avós Joesely Dias, Severino Lacerda, Bertha Merida e Francisco Alcón, sempre os tenho como motivação e agradeço pelo acolhimento e compreensão de todas as horas.

Sou grata a minha mãe Maria e meu pai Hernán, aos irmãos Hernán e Patrícia e a minha tia Socorro. Eles me ajudaram de todas as formas e em todos os momentos.

Agradeço carinhosamente ao meu namorado, Jadson Kleber, por despertar o melhor de mim e me ajudar a crescer. Pude contar com sua presença nos momentos difíceis e de descobertas, assim como foi no período da viagem à Bolívia. Agradeço a sua atenção, compreensão e, sobretudo, o seu amor.

Agradeço especialmente ao meu orientador, Estêvão Palitot, que me aconselhou pacientemente durante essa jornada. Puxou-me para a superfície quando eu acreditava que não havia mais tempo. Obrigada! O senhor por muitas vezes acreditou mais do que eu na conclusão da dissertação. Obrigada! A sua companhia pra mim ultrapassou as suas obrigações de orientador e conferiu a nossa relação uma face fraternal e bondosa. Sou grata!

Agradeço a cada entrevistado(a) que cedeu tempo e conhecimento para uma desconhecida. Quero poder voltar à Bolívia e agradecer pessoalmente.

Agradeço as amigas Dafiny, Elaine, Anna Marília, Wanessa, Heloísa e Giselle que

me ajudaram de forma material com os computadores e de forma emocional com o companheirismo e risadas

Obrigada a todos os professores do núcleo de Direitos Humanos e aos professores do departamento de Relações Internacionais. Obrigada!

Agradeço ao grande amigo Mel, ele me ajudou muito com toda sua compreensão felina!

## RESUMO

A eleição de um representante indígena e concomitantemente a instauração da Constituição, de 2009, representou uma inflexão na história política e social do Estado boliviano. O protagonismo indígena estabeleceu o Estado Prurinacional da Bolívia, que tenta refundar a estrutural estatal sob o prisma da descolonização e plurinacionalidade. Dessa forma, a agenda política do governo de Evo Morales busca superar as relações de dominação e exclusão da identidade indígena, que remonta ao período colonial. A dissertação tem por objetivo analisar a relação entre *collas* e *cambas* na cidade de Trinidad-Beni, onde foi realizado o trabalho de campo, levando em consideração um dos pilares do governo, a descolonização. Sendo assim, o *Viceministerio de Descolonización* atua como suporte principal para a compreensão da relação entre os povos. Emprega-se a perspectiva da insurreição dos saberes sujeitados de Michel Foucault e a colonialidade do poder de Aníbal Quijano. O estudo visa contribuir na reflexão crítica do cenário político boliviano, entendendo a identidade indígena boliviana como parte do movimento que busca ampliar bases alternativas epistemológicas do saber e ser.

**Palavras-chave:** Indígenas; *collas* e *cambas*; *Viceministerio de Descolonización*.

## RESUMEN

La elección de un representante indígena y concomitadamente la introducción de la Constitución, de 2009, representaron un cambio en la historia política y social del Estado boliviano. El liderazgo indígena estableció el Estado Plurinacional de Bolivia, tratando de refundar la estructura del Estado a la luz de la descolonización y la plurinacionalidad. Por lo tanto, la agenda política del gobierno de Evo Morales busca superar las relaciones de dominación y exclusión de la identidad indígena, que se remonta a la época colonial. La investigación tiene como objetivo analizar la relación entre los Collas y Cambas en la ciudad de Trinidad, Beni, donde se llevó a cabo el trabajo de campo, teniendo en cuenta uno de los pilares del gobierno, la descolonización. Por lo tanto, el Viceministerio de la descolonización actúa como el principal apoyo para la comprensión de la relación entre los pueblos. Empleo la perspectiva de la insurrección de Michel Foucault y la colonialidad del poder de Aníbal Quijano. El estudio tiene como objetivo contribuir a la reflexión crítica de la escena política boliviana, la comprensión de la identidad indígena de Bolivia, como parte del movimiento que busca ampliar la base epistemológica alternativa del conocimiento y del ser.

**Palabras-clave:** Indígenas; collas e cambas; Viceministerio de Descolonización.

## LISTA DE SIGLAS

CMIB: *Central de Mujeres Indigenas del Beni;*

CPIB: *Central del Pueblos Indigenas del Beni;*

INE: *Instituto Nacional de Escadistica*

MAS: *Movimiento ao Socialismo;*

TCO: *Tierras Comunitarias de Origen;*

TIM: *Territorio Indígena Multiétnico.*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Gráfico 1:</b> Dados de identificação de pertença a nações ou povos majoritários ou minoritários 2012.....	15
<b>Mapa 1:</b> Mapa político da Bolívia.....	16
<b>Mapa 2:</b> Mapa identitário da Bolívia.....	17
<b>Quadro 1:</b> Exemplos para designar as identidades <i>collas</i> e <i>cambas</i> .....	18
<b>Mapa 3:</b> Caminhos da migração interna da Bolívia.....	20
<b>Mapa 4:</b> Distribuição das etnias nos departamentos boliviano.....	23
<b>Figura 1:</b> Área externa do Mercado Pompeya .....	41
<b>Figura 2:</b> Área interna do Mercado Pompeya .....	42
<b>Figura 3 :</b> Homenagem ao bicentenário da rebelião emancipadora de Mojos.....	42
<b>Figura 4:</b> Homem livre .....	42
<b>Figura 5:</b> A Igreja e o índio.....	43
<b>Figura 6:</b> Monumento em alusão a marcha rumo a La Paz.....	44
<b>Figura 7:</b> Evento católico na praça.....	44
<b>Figura 8:</b> O indígena guerreiro, o soldado e a igreja.....	45
<b>Figura 9:</b> Dia de aula na escola Adhemar Bravo Monastério.....	46

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Migrantes por toda vida .....	20
<b>Tabela 2:</b> Migrantes recentes .....	20
<b>Tabela 3:</b> Dados de identificação de pertença a nações ou povos majoritários ou minoritários-.....	67

## SUMÁRIO

Dedicatória .....	III
Epígrafe.....	IV
Agradecimentos.....	V
Resumo .....	VII
Resumen .....	VIII
Lista de siglas .....	IX
Lista de ilustrações .....	X
Lista de tabelas .....	XI
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 - BOLÍVIA: TERRITÓRIO E IDENTIDADES.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 Beni: Trinidad e suas identidades.....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO 2 - UMA NOVA INSTITUCIONALIDADE: O ESTADO PLURINACIONAL DA BOLÍVIA .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 Os direitos dos indígenas.....</b>	<b>25</b>
<b>2.2 A plurinacionalidade na Bolívia.....</b>	<b>27</b>
<b>2.3 Da colonialidade à descolonização.....</b>	<b>29</b>
<b>2.4 A insurreição dos saberes sujeitados: a alternativa dos indígenas para o Estado...30</b>	
<b>2.5 A perspectiva da interculturalidade na descolonização.....</b>	<b>33</b>
<b>2.6 O <i>Viceministerio de Descolonización</i>.....</b>	<b>33</b>
<b>2.7 A instituição e suas ações.....</b>	<b>34</b>
<b>CAPÍTULO 3 - LIMITES E POSSIBILIDADES: UM OLHAR A PARTIR DE BENI.....</b>	<b>37</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>67</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>69</b>

## INTRODUÇÃO

Os povos originários são marcados historicamente por uma grande violação dos seus direitos humanos, inicialmente com a invasão da América, que fora permeada de violência, sangue pelos colonizadores e atualmente com a perpetuação da estrutura social e estatal de desvalorização da cultura indígena.

As imposições de crenças e modos de vida dos espanhóis aos indígenas foram eficazes, ao ponto de se afirmar indígena passar a ser motivo de vergonha. Ao longo dos anos e de uma memória marcada pela história dos vencedores, a Bolívia ergueu um Estado com constantes rupturas de poderes políticos, reflexo do jogo de poderes entre as identidades indígenas e não indígenas. A mais recente e importante dentre as (re)construções das identidades indígenas foi o estabelecimento do Estado Plurinacional (2009), que consagra e valida os indígenas como componentes da construção estatal.

Segundo Chivi Vargas (2009), é inquestionável o momento político que a Bolívia iniciou. Um período que não pode ser compreendido sob um ponto de vista monocultural e uninacional do constitucionalismo liberal, mascarado como moderno. O princípio norteador da nova constituição de 2009 é agregar a heterogeneidade como propulsor de uma nova dinâmica de relações sociais e institucionais. A adoção do caráter plurinacional na Constituição é um ponto de inflexão, que marca a história dos povos originários bolivianos e na evolução dos direitos humanos destinados aos indígenas.

Pesquisar a recente conjuntura boliviana é importante, na medida em que o momento histórico é imbuído da concepção de descolonização e promove direitos humanos a indivíduos que historicamente tiveram seus direitos cerceados. Acompanhar a evolução da ressignificação do “eu indígena”, “eu indígena político” e “eu indígena como agente transformador” contribuirá para registrar, analisar e questionar a refundação da identidade indígena boliviana. Leva-se em consideração que outros Estados podem ser influenciados, ainda que eles possuam variáveis estruturais e étnicas diferenciadas da Bolívia.

O Estado Plurianacional boliviano instaura o *Viceministerio de Descolonización* com o objetivo de superar a estrutura estatal de dominação e submissão das identidades indígenas. Dessa forma, a pesquisa coloca em evidencia o crescente movimento para uma epistemologia

alternativa a eurocêntrica, uma epistemologia da descolonização de Aníbal Quijano e o pensamento de insurreição dos saberes sujeitados de Foucault.

No primeiro capítulo, apresenta-se ao leitor uma visão da Bolívia diante da perspectiva de suas identidades. Explicam-se os termos *collas* e *cambas* e porque os indivíduos bolivianos se dividem dessa forma. Sendo assim, o leitor entenderá que a plurinacionalidade da Bolívia está permeada de complexas relações, que por vezes são discriminatórias.

O capítulo seguinte aborda a plurinacionalidade de forma mais detalhada e sob o prisma estatal. Diante das mudanças instauradas no governo de Evo Morales há um foque para as políticas públicas, que visam minimizar essa tensa relação entre *collas* e *cambas*, logo o viceministerio de descolonização e suas ações são analisados.

O último capítulo narra às experiências pessoais da autora na cidade de Trinidad-Beni/Bolívia. O capítulo descreve as sensações e reflexões durante a viagem, traz também as entrevistas realizadas e os cenários que mais levantaram curiosidade, através das fotografias.

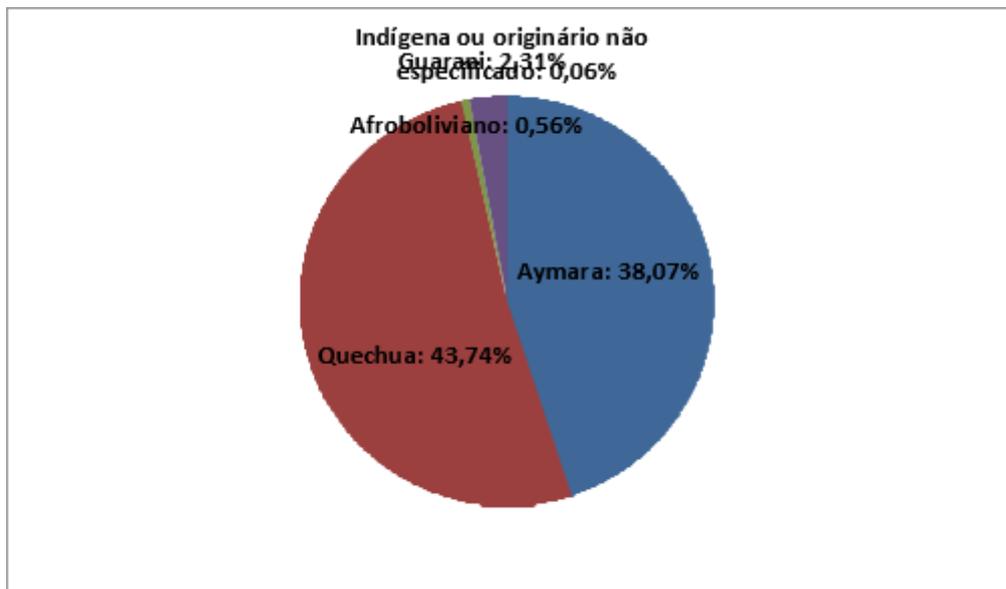
## CAPÍTULO 1

### BOLÍVIA: TERRITÓRIO E IDENTIDADES

*Juntos pero separados*

O Estado boliviano, também conhecido como *Buliwya*, *Wuliwya* ou *Volívia* entre os povos *Quechua*, *Aymara* e *Guarani*, respectivamente, é um país multicultural de ancestralidade Inca e colonizado pelos Espanhois. De acordo com o censo atualizado, de 2012, a maioria da população é *Quechua* e *Aymara*, a classificação girou em torno de uma centena de tipos diferentes de povos distintos. A tabela 1 exemplifica a diversidade dos habitantes bolivianos, mas não, no entanto, a totalidade dos dados estatísticos. Pode-se verificar nos anexos a pesquisa completa.

Gráfico 1: Dados de identificação de pertença a nações ou povos maioritários ou minoritários-2012.



Fonte: elaboração própria baseada no censo de 2012 do *Instituto Nacional de Escadística-INE*. Disponível em <http://datos.ine.gob.bo/binbol/RpWebEngine.exe/Portal?LANG=ESP>. Acesso em: 12 de ago. 2017.

De acordo com o *Instituto Nacional de Escadística-INE*, a Bolívia possui 11. 145. 770 habitantes, no mês de junho de 2017, dispersos em 1.098.587 quilômetros de extensão, divididos em 9 departamentos, estes são entidades subnacionais que contam com autonomia executiva e legislativa, mas não judicial.

Os departamentos apresentam especificidades geográficas, étnicas, culturais, políticas e econômicas que os tornam em vários povos e nações, assim como consta na Constituição, um Estado Plurinacional.

Mapa1: Zonas geográficas da Bolívia



Fonte: Disponível em < <http://www.bvsde.paho.org/enwww/eva2000/bolivia/informe/inf-02.htm>>. Acesso em 12 de ago. 2017.

Há na Bolívia três zonas geográficas predominantes: Andina: abarca 28% do território nacional e está a 3.000 metros a nível do mar, onde se encontra uma das cordilheiras mais altas do mundo e os departamentos de La Paz, Cochabamba, Potosí, Oruro e uma parte de Tarija; Subandina: é a região intermediária entre o altiplano e os *llanos* orientais, compreende 13% do total do território e caracteriza-se por suas atividades agrícolas, com um clima

agradável de 15°C a 25°C. A região estende-se principalmente pelos departamentos de Cochabamba, Chuquisaca e Tarija, e possui uma variedade de flora e fauna; *Llanos*: com 59% do território boliviano, sendo a maior zona geográfica do país e engloba as regiões amazônica, *platense* e do *Grand Chaco*, é coberta por grandes selvas, lagos e rios, que percorrem desde a região andina, sua temperatura média é de 22°C a 25°C . Os *Llanos* compreendem os departamentos de Pando, norte de La Paz, Beni, Tarija, Santa Cruz, parte de Cochabamba e Chuquisaca (INE, 2017).

Considera-se nessa pesquisa uma outra divisão no mapa boliviano, mais acentuada a qual citamos acima, uma vez que não se restringe ao campo territorial ou as características dos ecossistemas, são diferenças geográficas somadas as culturais, econômicas, produtivas, políticas e linguísticas. Sendo assim, os *collas* e *cambas* são marcadores identitários responsáveis pelas dinâmicas sociais e políticas da Bolívia. Esse binômio pode ser observado como expressão da heterogeneidade da população boliviana e também como agente limitador da atual construção estatal, com o atual presidente Evo Morales.

Mapa 2: mapa identitário da Bolívia



Fonte: Disponível em < <http://historiaemprojetos.blogspot.com.br/2008/04/dossi-bolvia-raa-e-classe-podem-dividir.html>>. Acesso: 14 de ago. de 2017.

Percebe-se, no mapa 2, a segmentação entre as regiões montanhosas e as planícies do Estado boliviano, e através delas a regionalização das identidades *collas* e *cambas*, respectivamente. À parte Ocidental do mapa corresponde a população *colla* e a Oriental a

*camba*. Há ainda outras forma de designação dessas duas identidades, como exemplifica o quadro (1) abaixo, para melhor compreensão.

Quadro 1: exemplos para designar as identidades *collas* e *cambas*:

<i>Collas</i>	<i>Cambas</i>
Montanhas	Planícies
Altiplano	Terras baixas
Ocidente	Oriente
<i>Quechua e Aymara</i>	Outros povos nativos
Indígenas	Descendentes de europeus e mestiços

Fonte: elaboração própria.

Ao longo dos anos os povos originários foram se estabelecendo em determinadas áreas geográficas da Bolívia. Como cita o quadro 1, percebe-se que os *quéchuas* e *aymaras* se estabeleceram predominantemente no Altiplano e, por sua vez, os outros povos originários viveram nas regiões de terras baixas. O fator cultural não pode ser ignorado, segundo Souchaud e Baeninger (2008), os nativos andinos possuem ancestrais do Império Inca, que se caracterizavam por sua alta estrutura social e espacial, valorizando a hierarquia e a urbanização, em detrimento do mosaico étnico formado nas regiões baixas da Bolívia. Estes eram mais dispersos territorialmente, menos numerosos populacionalmente e não se organizavam socialmente de forma expansionista como os primeiros. A ocupação de território se diferenciava na presença e ausência das cidades, de forma que para os incas as cidades eram essenciais e para os povos das terras baixas não se fazia presente.

O termo *collas* – que existe em oposição aos *cambas*-- está presente na Bolívia devido à distribuição e diferenciação pré-colombiana e histórica. Sendo assim, o termo *colla* derivaria da palavra *collasuyo*, que era empregada para designar um dos distritos do Império Inca, onde atualmente corresponderia a região andina da Bolívia. No presente, a palavra *colla* identifica os que são do altiplano, ou seja, os *aymaras* e *quéchuas*. Por outro lado, os *cambas*

são os integrantes das comunidades nativas das regiões baixas, majoritariamente guaranis e chiquitanos (BLANCHARD, 2005 *apud* SOUCHAUD; BAENINGER, 2008)<sup>1</sup>.

Segundo Mosqueira (2008), desde o fim do século XVII o termo *camba* refere-se a uma pessoa ou etnia em particular. Em seguida, no século XVIII, passou a identificar o indígena da província de Moxos ou do Estado de Santa Cruz. No século XIX, o uso do termo foi deturpado assumindo uma conotação mais negativa, no século seguinte iniciou a recuperar o sentido de identidade etnocultural e uma construção sociopolítica, principalmente com o povo *cruceño*. A origem etimológica vem do guarani “*cuimbae*” que significa homem amigo, grande senhor, senhor honorável ou homem valente. Atualmente o termo “*camba*” é usado para identificar e distinguir a cultura mestiça do Oriente boliviano, cultura da qual o *cruceño*<sup>2</sup> construiu e expandiu por Beni e Pando.

Souchaud e Baeninger (2008) afirmam que a designação *colla* e *camba* também expressa à tensão social entre a população boliviana. A redistribuição dos habitantes bolivianos e o jogo de poder tornou a situação complexa, assim, houve o encontro desses dois universos culturais: oriente e ocidente boliviano, numa aproximação de desigualdade e estigmatizada. Tal “encontro” aconteceu devido ao histórico processo de redistribuição da população, ou seja, a migração da população entre os departamentos da Bolívia, sendo o departamento de Santa Cruz o principal destino dos emigrantes do altiplano.

Gomes (1998), afirma que a Bolívia apresenta 875.405 emigrantes entre os departamentos, especificamente essa população migrou e permaneceu em outro departamento por toda sua vida, há também os que são classificados como emigrantes recentes, ou seja, estão estabelecidos no local por cinco anos antes do censo. A representação em porcentagem equivaleria a 14% e 6%, respectivamente, demonstrando que os bolivianos possuem uma mobilidade considerável entre os departamentos, ainda que não tenha sido considerado e quantificado o grande volume no período de migração estacional, do campo à cidade quando há a fase de descanso agrícola.

Observa-se na tabela 1 que seis departamentos apresentaram taxas de migração neta negativa<sup>4</sup>, as mais significativas foram: Potosí (-29,5), Oruro (-22,80) e Chuquisaca (-13,60). Por outro lado, Beni (-6,26) e Pando (-3,93) registraram índices migratórios de menor intensidade. Por fim, os departamentos que mais acolhem pessoas por toda vida foram: Santa Cruz (+18,15), Cochabamba (+7, 59) e La Paz (+0,03). A tabela 2 demonstra as migrações recentes entre os departamentos, maiores a 5.000 pessoas. Constata-se então que Santa Cruz é

visto como polo de maior atração, sobre tudo para os emigrantes de Cochabamba, La Paz e Chuquisaca. Abaixo, no mapa 3, pode-se visualizar as redistribuições populacionais atestadas nas tabelas. (GOMES, 1998).

Tabela 1: Migrantes por toda vida

Bolivia	Emigrantes	Inmigrantes	Tasa neta migración
Chuquisaca	29.336	22.275	-1,88
La Paz	58.633	47.106	-0,71
Cochabamba	50.078	71.770	+2,34
Oruro	41.330	22.387	-6,47
Potosí	53.261	18.469	-6,40
Tarija	12.212	19.859	+3,16
Santa Cruz	38.488	80.366	+3,72
Beni	18.172	18.841	+0,30
Pando	3.384	3.722	+1,12

Fonte: Gomes, 1998.

Tabela 2: Migrantes recentes

Bolivia	Emigrantes	Inmigrantes	Tasa neta migración
Chuquisaca	109.266	47.337	-13,60
La Paz	138.643	138.067	+0,03
Cochabamba	124.570	207.869	+7,59
Oruro	134.184	56.589	-22,80
Potosí	221.796	32.086	-29,50
Tarija	33.474	57.493	+8,46
Santa Cruz	51.278	292.185	+18,15
Beni	52.856	35.720	-6,26
Pando	9.338	7.969	-3,93

Fonte: Gomes, 1998.

Mapa 3: Caminhos da migração interna na Bolívia



Fonte: Gomes, 1998.

Como mostram os dados, o processo de organização interna ocorre constantemente, ainda que, o departamento de Santa Cruz seja o grande destino dos imigrantes há também um

<sup>1</sup> BLANCHARD, S. Être "colla" à Santa Cruz: identités et territoires des migrants andins à Santa Cruz de la Sierra (Bolivie). Thèse de Doctorat, Géographie. Paris, 2005;

<sup>2</sup> Gentílico de Santa Cruz

<sup>3</sup> GOMES, Luis Hurtado Explosión demográfica, superpoblación. In: Encuentro con las academias nacionales de medicina ibero-americanas, de Portugal y reales academias españolas de distrito. Real academia de Madrid. Madrid, pag. 60, 1998.

<sup>4</sup> Taxa de migração neta é o resultado da diferença entre a taxa de emigrantes e imigrantes..

movimento para outros departamentos. Santa Cruz atrai a maioria dos imigrantes devido a sua estrutura econômica mais robusta e com isso acontece uma grande quantidade de encontros identitários, estabelecendo-se assim relações amigáveis e não amigáveis entre a diversidade da população. Pesquisas são realizadas a partir de Santa Cruz e essa temática cresceu fortemente após a proposta separatista de alguns departamentos (Santa Cruz, Beni, Pando e Tarija), conhecido como a autonomia da *media luna*<sup>5</sup>.

Allerding (2011) afirma que o Estado impõe um nacionalismo estatal dentro de um Estado multinacional. Sendo o Estado boliviano configurado por um só poder e considerando apenas uma nação, com isso pretende representar a todas as nações dentro do seu território. Este poderia ser um dos principais fatores de divisão, separação jurídica e cultural contra o Estado.

O movimento de autonomia da nação *camba*, delineado em 2001, provocou um intenso debate interno e de forma, por vezes, até violenta. Tal movimento supõe a ratificação da autoestima do *camba* como coletividade diferenciada e configuração da identidade mestiça do *camba* como povo-nação (ALLERDING, 2011).

A nação *camba* assume a tarefa de consolidar seis objetivos estratégicos fundamentais, que são:

- Democracia;
- Autodeterminação;
- Identidade;
- Recursos naturais;
- Território e poder;
- Integração e um novo pacto com o Estado boliviano.

O autor Allerding (2011) explica que ao Estado negar o reconhecimento da existência de uma identidade, no caso a identidade como povo-nação *camba*, exclui esta das estruturas de governo, provocando uma dominação política, étnica e cultural, esta atitude ensejaria o surgimento dos nacionalismos paralelos, que rejeita a opressão, discriminação e o alijamento de um povo-nação.

Verifica-se o fervor como alguns autores bolivianos relatam e defendem propostas e

---

<sup>5</sup> *Media Luna* é o termo utilizado para designar os departamentos estabelecidos na porção oriental da Bolívia e fomentam o movimento separatista.

contrapropostas estatais, assim como demonstrado acima na perspectiva da nação *camba*. O

debate intelectual e político só reflete o que ocorre nas relações pessoais entre a população boliviana, dividindo-se entre *cambas* e *collas*. Ocorre que os *cambas* de forma geral se identificam como descendentes dos espanhóis e, dessa forma, brancos ou mestiços. Em contrapartida, os *collas* se identificam como indígenas. No entanto, a configuração das marcações identitárias boliviana não são tão óbvias e simples como parece de início, uma vez que, não são todos os *cambas* que se identificam como brancos ou mestiços, há também os que se declaram indígenas, já que além dos indígenas terem se estabelecido no altiplano há também os que viveram e vivem nas terras baixas. Dessa forma, existem indivíduos que se consideram *cambas* e indígenas ao mesmo tempo. Com todo esse leque de identificação também se encontram pessoas que mesmo nascendo nos departamentos abarcados pela designação *colla* não querem ser identificados dessa forma, certamente por já terem sofrido preconceito. Sendo muito comum testemunhar discriminação entre os *cambas* e *collas* na Bolívia.

O movimento separatista não logrou êxito no que tange a oficializar a divisão dos departamentos, mas evidenciou a tensão social e profunda que caracteriza a Bolívia. O governo de Evo Morales se fez importante principalmente para a política interna, no que concerne a conformar a pluralidade de identidades dentro de um só Estado.

### **1.1 Beni:Trinidad e suas identidades**

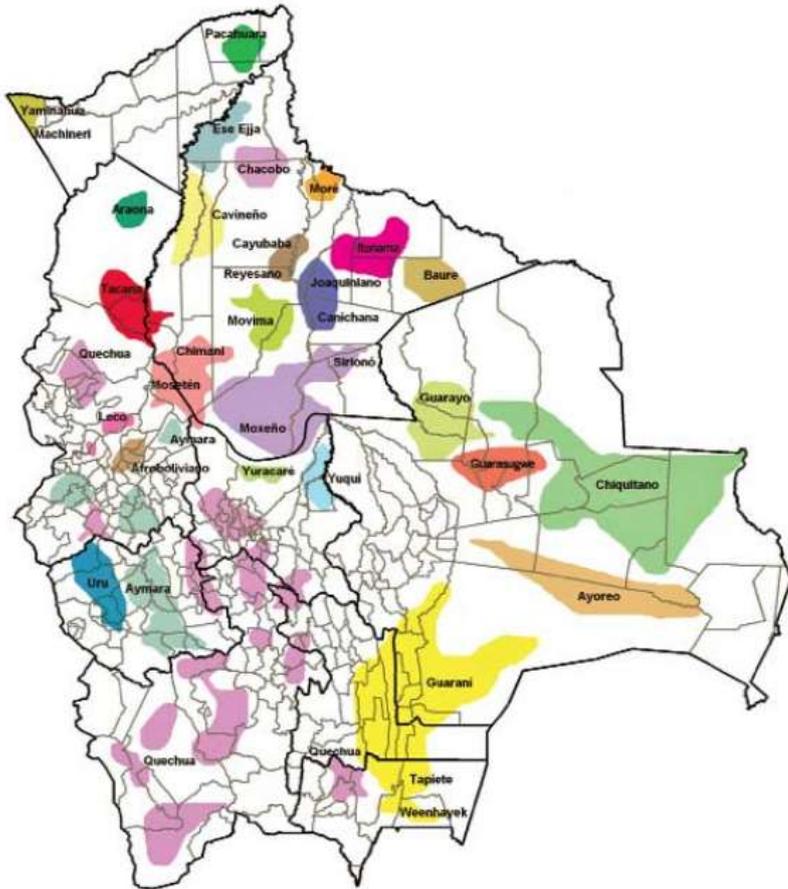
A presente pesquisa considera a complexidade da formação e da pluralidade de identidades na Bolívia, e identificou na cidade de Trinidad um campo de pesquisa frutífero. Trinidad é a capital do departamento de Beni e pouco se pesquisa na cidade sobre a tensão social entre as identidades, é a cidade de Santa Cruz que normalmente se destaca em várias linhas e inclusive para área acadêmica. Entende-se que outros caminhos devem ser percorridos, principalmente se a nova rota é tão rica na perspectiva acadêmica como é a cidade de Trinidad.

Segundo o jornal *Opinión* (2013) no departamento de Beni há a maior diversidade de etnias da Bolívia, sendo conformada dessa maneira: 17 nações habitam Beni, 8 em La Paz, 4 em Pando, 5 em Santa Cruz, 3 em Tarija, 3 em Cochabamba, 3 em Oruro, 2 em Potosí e 2 em Chuquisaca. Assim como demonstra o mapa 4 abaixo.

Considerando a pluralidade étnica do departamento beniano, a complexidade, a nova rota de estudo, que se diferencia das demais pesquisas, julga-se a cidade de Trinidad como um

campo fértil para compreender a dinâmica social boliviana e suas políticas públicas para diminuir a tensão entre as identidades.

Mapa 4: Distribuição das etnias nos departamentos boliviano



Fonte: ROJK, 2013. Disponível em <<http://www.opinion.com.bo/opinion/articulos/2013/0806/noticias.php?id=102436>>. Acesso em: 24 de ago. 2017.

De acordo com o site de turismo boliviano, Beni foi fundada por jesuítas no final do século XVII. Os povos de Moxos (atualmente Beni) se estabeleceram devido à conquista dos aborígenes, inclusive no campo espiritual, efetuada pelas missões jesuítas. O jesuíta Castillo e os padres Pedro Márban e Cipriano Barace, destinados a conquista da região, vieram de Lima a Santa Cruz, em 1675, foram do rio Guabay até a zona de Moxos, fundando a primeira missão de *Nuestra Señora de Loreto*, em 1682, com a colaboração dos padres Orellana, Vega e Letuna. As missões jesuítas foram convertidas em cidades e povos, à beira dos rios Mamoré e San Miguel. No ano de 1767 os jesuítas foram expulsos do território de Moxos pela Coroa

espanhola e foi o indígena Ignacio Muiba que protagonizou o movimento de independência, em sua homenagem, no ano de 1978, se declarou no dia 10 de novembro a data cívica do departamento de Beni. Dentre as características do departamento cita-se o solo fértil para toda classe de cultivo tropical: milho, cacau, café, castanha, macaxeira, arroz, mamão, entre outros, muito do terreno também serve para a criação de gado, (calcula-se cerca de 2. 000.000 cabeças) e seus rios possuem uma grande variedade de peixes.

## CAPÍTULO 2

### UMA NOVA INSTITUCIONALIDADE: O ESTADO PLURINACIONAL DA BOLÍVIA

#### 2.1 Os direitos dos indígenas

A primeira razão (da justiça desta guerra e conquista) é que, sendo por natureza servos os homens bárbaros (índios), incultos e inumanos, se negam a admitir o império dos que são mais prudentes, poderosos e perfeitos do que eles; império que lhes traria grandíssimas utilidades (*magnas commoditates*), sendo além disto coisa justa por direito natural que a matéria obedeça à forma, o corpo à alma, o apetite à razão, os brutos ao homem, a mulher ao marido, o imperfeito ao perfeito, o pior ao melhor, para o bem de todos (SEPÚLVEDA, 1987, pg. 153 *apud* DUSSEL, 1993, pg. 75).

O texto acima é um pequeno fragmento do pensamento de Ginés de Sepúlveda, no qual o autor defende que os indígenas são naturalmente submissos aos colonizadores. Segundo Dussel (1993), a justificativa criada pelos europeus para invadir a América pode ser tratada como um mito, o mito da modernidade. Como contém no texto supracitado, a dominação espanhola era propagada como útil e benéfica para todos, ou seja, seria necessária para os dominados. Sendo assim, haveria em um espectro o desenvolvimento, a civilização, os bons modos, a moral, o cristianismo, entre outros pontos que classificariam os europeus como superiores, no outro extremo do espectro a cultura dita como bárbara, rude e de todas as formas inferior teria de ser subjugada a primeira. Formulando-se assim o mito da modernidade, onde os culpados revestidos de propósitos falsamente justos agiam com violência e mesmo assim ocupam um lugar de destaque na História das Américas.

Sabe-se da dimensão agressiva em que se constituiu a história dos indígenas no novo continente. O genocídio ocorrido e a desestruturação cultural evidenciam que Las Casas não obteve apoio necessário contra a dominação espanhola, mas participou de um debate muito fértil e importante para se pensar os direitos humanos aplicados aos indígenas.

Segundo Yrigoyen (2009), diante da exclusão a que os indígenas estavam inseridos, o direito internacional e os sistemas jurídicos nacionais têm formulado uma gama de direitos com o intuito de reparar as exclusões históricas e construir uma nova dinâmica para os indígenas, Estados e sociedade em geral.

O direito internacional identifica os povos indígenas como àqueles que descendem de uma população pré-existente aos Estados da atualidade, mantêm integralmente ou parcialmente a sua cultura, instituições políticas, sociais e que possuem autoconsciência da sua identidade. Estes sofrem com a discriminação, subordinação política, problemas territoriais, entre outros. Vale ressaltar que após o período colonial houve políticas de extermínio e assimilação no século XIX, o integracionismo forçado do século XX e os ajustes estruturais do século XX e XXI que incidiram em taxas elevadas de pobreza, analfabetismo, exploração do trabalho, etc (YRIGOYEN,2009).

O Convênio 169 da OIT e a Declaração das Nações Unidas referente aos povos indígenas objetivam o estabelecimento de sociedades democráticas e promoção a dignidade e direitos dos indígenas. No entanto, não é suficiente apenas os esforços internacionais, em consonância deve-se primar por uma adequação normativa interna, implementação institucional e mudança na cultura jurídica (YRIGOYEN,2009).

Pode-se citar alguns instrumentos internacionais de políticas regionais com foco nos indígenas nas últimas décadas. Estes instrumentos sociais são: (1) a Convenção sobre o Instituto Indigenista Interamericano (III), de 1940; (2) o Convênio número 107 da OIT sobre Populações Indígenas e Tribais em Países Independentes, de 1957; (3) o Convênio número 169 da OIT sobre Populações Indígenas e Tribais em Países Independentes, de 1989 e a (4) Declaração das Nações Unidas sobre o Direito dos Povos Indígenas, 2007 (YRIGOYEN,2009).

O primeiro documento supracitado busca institucionalizar e coordenar as políticas indigenistas. O segundo agrega um marco de direitos. O terceiro rompe com o integracionismo e prioriza um modelo pluralista, pautado no controle indígena de suas instituições e participação nas políticas estatais. Esse modelo é aprimorado e desenvolvido pelo último instrumento (YRIGOYEN,2009).

Os instrumentos citados de inclusão e garantias aos indígenas não impedem que os Estados continuem alocando as políticas destinadas a eles em segundo plano. Magalhães (2009) afirma que a constituição do Estado Moderno está intrinsecamente relacionada a negação da diversidade, intolerância religiosa e cultural. O Estado Moderno nasce e depende da intolerância para sua afirmação.

## 2.2 A plurinacionalidade na Bolívia

O desafio atual é a implementação do marco de direitos existente e o desenvolvimento de políticas públicas, coordenadas, sistemáticas e participativas, baseadas em tais direitos, que permitam aos povos retomar as rédeas do seu destino e participar com os outros povos na construção de estados democráticos e pluralistas (YRIGOYEN, 2009 p.16).

A colonização na Bolívia atingiu de forma severa o sentimento de valorização ao pertencimento indígena, uma vez que estes foram distanciados do progresso econômico e educacional. Nesse ínterim, os povos originários lutam por seus direitos e por uma participação efetiva no Estado. A Bolívia representa o avanço político de enquadrar os indígenas no espaço cidadão.

A edificação do nacionalismo boliviano foi em grande escala um projeto do Estado, pois foi fomentada pela elite local de minoria branca européia, de origem espanhola, que possuía o poder econômico da região. Os povos indígenas tiveram seus direitos coletivos suprimidos, não participaram da condução do Estado e foram atingidos por valores etnocentricamente evidenciados como comuns (WOLKMER, 2008).

A identidade indígena ganha notoriedade na seara política, mais especificamente nas eleições presidenciais, culminando na eleição de Evo Morales em 2006. Morales é o primeiro presidente indígena na Bolívia e é tido por muitos de seus eleitores como um símbolo de luta e um novo Estado.

Segundo Hall (1997), o sujeito pós-moderno é descentrado, sua identidade ou identidades são posicionais, politizadas e apelam para o componente simbólico. Pode-se identificar que Morales acionou o discurso de identidade indígena para a disputa de poder presidencial. Nesse horizonte, as várias identidades que haviam se constituído sobrepostas a identidade indígena foram se aglutinando a uma identidade indígena inovada, valorizada, histórica e admirada por seus próprios indivíduos. Vale ressaltar que as identidades não são fixas e unificadas. Dessa forma, a política implantada na Bolívia deve contemplar as várias identidades.

Na intenção de englobar todas as identidades a plurinacionalidade na Bolívia foi referendada com mais de 90% dos eleitores bolivianos, dos quais 61,43% aprovaram o conteúdo da Carta Magna em 25 de Janeiro de 2009 (SILVA JÚNIOR, 2014). O Estado Plurinacional é pensado como opção ao Estado nação homogeneizador atual. O objetivo dos

movimentos sociais indígenas é a aquisição do status de sujeitos de direitos e uma sociedade em que a diversidade social e cultura não sejam condutores de exclusão e discriminação (FREITAS, 2012).

De acordo com Santos (2012), um dos aspectos mais significativos da plurinacionalidade é a diversidade cultural. Ainda que haja em vários Estados o reconhecimento de culturas distintas, esse é um novo contexto, pois a diversidade passa a ser tratada como propulsor na dinâmica plurinacional para refundar o Estado, que demonstra a multiculturalidade contida na sociedade.

Sendo assim, a plurinacionalidade reconhece outras maneiras de organização destacadas no Estado. Apesar de manter o modelo moderno, mas garantindo gradualmente a expansão do poder político a todas as culturas. Logo, uma estrutura plural estatal, onde este não se resume a órgãos de administração e normas, mas valoriza as relações sociais que compõem o Estado e o identifica (SANTOS, 2012).

Segundo Santos (2003), a proposta do Estado plurinacional boliviano forma-se da recepção do conceito de plurinacionalidade e pós-colonialismo, onde no primeiro a relação plurinacional é caracterizada pela construção identitária em intercâmbio cultural. A plurinacionalidade condiciona a refundação do Estado, uma vez que articula distintos conceitos de nação dentro de um único Estado. O discurso plurinacional reconhece os povos originários como nacionalidades, equiparando-os juridicamente ao princípio transversalizado nas normas e estruturador das normas da constituição. No segundo, o colonialismo não cessou no período da independência e a nova constituição é tida como o terceiro termo para o processo de transição paradigmática.

O constitucionalismo plurinacional deve ser dialógico, concretizante e garantista. Dialógico para que todo o aparato estatal seja o reflexo de uma unidade intercultural que inclua as diferenças e defenda os direitos humanos. Concretizante a partir do momento que soluciona de forma específica casos complexos e que possam ser reproduzidos em casos parecidos levando em conta a interculturalidade e interdisciplinaridade da constituição. Por fim, o constitucionalismo pautado na plurinacionalidade deve ser garantista, ou seja, os direitos não são absolutos se forem desconsiderados os dos outros direitos constitucionais. Em consonância, os direitos humanos são formados pelo direito a diferença e a identidade que são evidenciados no Estado Plurinacional (GRIJALVA, 2008).

Afirmar ou negar com veemência que a constituição boliviana abarca os três pontos citados acima é um risco, pois deve se considerar o nível prático dos pontos, ou seja, se há um novo padrão nas políticas públicas. Faz-se necessário um período maior do estabelecimento da constituição para ponderar tal questionamento.

### **2.3 Da colonialidade à descolonização**

Segundo Quijano (2005), a descolonização da região andina da América do Sul foi reforçada principalmente pelo indígena como alternativa para superar a colonialidade. O conceito de colonialidade remete ao padrão de dominação no período colonial atrelado a ideia de raça. Esta classificação possui uma dimensão profunda, subjetiva, material e que persiste em cada campo da vida societal, como um elemento essencial do padrão de poder capitalista.

A ideia de raça no sentido moderno, na perspectiva de Quijano (2005), iniciou na América com a classificação e valoração de identidades sociais historicamente novas, índios, negros e mestiços e ao mesmo tempo redefiniram-se outras como o branco. A identidade racial foi construída de forma a estabelecer a inferioridade das raças colonizadas, justificando a dominação de raças na divisão do trabalho, desqualificando os traços fenotípicos dos colonizados, assim também como suas descobertas mentais e culturais. Logo, as identidades históricas construídas dentro da ideia de raça foram atreladas aos papéis que cada uma deveria ter dentro da estrutura da divisão do trabalho. O que gerou uma aparente naturalização da associação dominação/exploração e raça/trabalho. Na ótica do autor tal associação vem sendo, até o momento, bem aceita nas estruturas e inconsciente dos indivíduos.

O novo padrão de poder mundial instaurado no período da colonização concentrou sob sua hegemonia o controle das formas da produção do conhecimento científico, da cultura e da subjetividade. A conjunção do fenômeno do etnocentrismo colonial e produção da ideia de raça facilita a compreensão do porquê os europeus foram direcionados a sentir-se naturalmente superiores a todos os outros povos (QUIJANO, 2005).

Quijano (2005) aponta dois resultados do poder colonial com implicações importantes: a primeira delas é que todos os povos tiveram suas identidades históricas despojadas. O segundo, a nova identidade racial e colonial é negativa, implicando o despojo do seu espaço na história da produção cultural. Por conseguinte, não lhes restaria a ser nada mais que raças inferiores e capazes apenas de produzir culturas inferiores. Resumindo, o padrão de poder

colonial implicava diretamente no padrão cognitivo, uma nova ótica de como produzir conhecimento, onde o não europeu era classificado como passado, atrasado e primitivo.

A colonialidade do poder fundamentada na ideia de raça deve ser compreendida como fator primordial no Estado-nação. A questão é que na América Latina a visão eurocêntrica foi incorporada pelos indivíduos dominantes como natural e impuseram o modelo europeu de estrutura de poder. Deve-se, no entanto, aprender a deixar de ser quem não somos, deixar o eurocentrismo e buscar a libertação (QUIJANO,2005).

Sabe-se que mesmo com o fim do período colonial a colonialidade do poder permanece, pois a estrutura estatal, a epistemologia e a subjetividade eurocêntrica são implicações diretas desse período que se perpetuou. A estrutura estatal da Bolívia esteve e está dentro do conceito de colonialidade do poder que Quijano expôs. A Bolívia tenta modificar a estrutura estatal e cognitiva de dominação eurocêntrica e pode-se considerar a Constituição de 2009 como o primeiro passo para a transição pretendida.

O artigo 9º da Constituição do Estado Plurinacional da Bolívia evidencia que a descolonização é uma função central do Estado. De forma a desenvolver políticas públicas no sentido de visibilizar, controlar os resultados e programar ações futuras de descolonização instituiu-se um órgão público denominado *Viceministerio de descolonización* (BOLÍVIA, 2010).

Considera-se que a materialização de um órgão público destinado a descolonização está inserido dentro de uma vertente intelectual que busca alternativas de modelos estatais e sociais distinto do eurocêntrico, estes difundem a necessidade de um conhecimento que contemple culturas e demandas próprias.

#### **2.4 A insurreição dos saberes sujeitados: a alternativa dos indígenas para o Estado**

A presença indígena na política boliviana consta desde as resistências anticoloniais, passando pelo período republicano e permanecendo até a atualidade com os sindicatos, partidos políticos e a eleição de Evo Morales, em 2006. Considera-se que o cenário atual da Bolívia, com a culminação na eleição de Evo Morales e a instauração da nova Constituição de 2009, abarca o conceito de insurreição dos saberes sujeitados de Michel Foucault (2005).

Segundo Foucault (2005, p.11-12), a definição de saberes sujeitados compreende dois posicionamentos. No primeiro deles, os saberes sujeitados são os “conteúdos históricos que

foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações funcionais”. Ademais, o autor entende que são “toda uma série de saberes que estavam desqualificados, como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos”.

Desse modo, os conteúdos históricos do que veio a se formar a identidade indígena boliviana foi sepultado e reformulado negativamente, com o intuito de mascarar o histórico de luta desses povos. As identidades não europeias foram desqualificadas historicamente, tidas como atrasadas e primitivas. Como explicou Quijano (2005), a construção da ideia de raça associada à divisão de trabalho criou um ciclo de práticas e subjetivações que inferiorizavam os indígenas. Desse modo, os saberes indígenas foram sujeitados e ainda não se pode afirmar que não continuam a ser. O que ocorre é a tentativa de modificar a estrutura estatal eurocêntrica que mantinha sob tutela a história e cultura dos povos originários da Bolívia.

O eurocentrismo com sua cientificidade e técnica universalizou suas verdades na Bolívia e obstaculizou a manifestação da cosmovisão indígena. Contudo, a Constituição de 2009 pode atualizar o regime de verdades que rege a sua população, elaborando demandas locais e valorizando sua história de luta. A insurreição dos saberes indígenas pode ser simbolizada com a eleição de um representante indígena, Evo Morales, com a elaboração da Constituição que designa o Estado como plurinacional e mais especificamente com a criação do *Viceministerio de Descolonización*.

Vale salientar que, a mudança epistêmica e estrutural que a Bolívia requer necessita de um período de tempo contínuo para alcançar objetivos concretos e subjetivos, ou seja, realizar políticas públicas com foco plurinacional e atingir o inconsciente da população.

Destarte, Quijano figura no artigo dialogando com o pensamento de Foucault, na medida em que os dois pensadores desenvolvem a ideia de superação da dependência exclusiva de valores universais, que alijam a perspectiva local do saber e ser. As conquistas indígenas bolivianas representariam a insurreição dos seus saberes tentando se libertar da visão eurocêntrica do mundo.

Segundo Foucault (2009), é necessário depreender de um discurso específico suas condições de existência. Em vista disso, é indispensável considerar as relações de poder e o momento do discurso. Tomando como base o pensamento de Foucault para o presente estudo

questiona-se: Por que a insurreição dos saberes indígenas acontece nesse momento específico e quais são as condições?

As medidas modernizadoras assimiladas pelos indígenas desagregaram suas comunidades, juntamente com os escassos recursos disponibilizados para eles e as contraditórias políticas econômicas. Com isso, a crise do modelo desenvolvimentista com índices altos de desemprego e desigualdade social não sustentou o dito progresso anunciado propagado pelas políticas integracionistas da década de 1970 (FAVRE, 1998).

De acordo com Barié (2003), foi na década de 1980 que em alguns Estados da América Latina houve um processo de superação das políticas de integração dos indígenas. Tal superação foi resultado da articulação dos movimentos indígenas, do robustecimento de pactos no sistema internacional em prol dos direitos humanos e as alterações constitucionais estimuladas pela democratização de vários Estados.

Na década de 1990 os indígenas estiveram mais a frente no cenário político pressionando a abertura para a participação política, de forma a transformar o Estado-nação. Apesar da Bolívia receber críticas pela forma fechada que elaborou as reformas constitucionais de 1994, deu um passo significativo na relação Estado e sociedade. Pode-se citar a Lei de Participação Popular que facilitou a participação de representantes populares no nível local, regional e nacional (VAN COTT, 2000).

Após a década de 1990, entende-se que a insurreição dos saberes indígenas boliviano responderam a crise estrutural do capitalismo, as problemáticas da questão climática mundial e ao debate teórico sobre decolonialidade do poder, que em conjunto impulsionaram uma ressignificação alternativa de se pensar a estrutura estatal.

O Estado neoliberal não gerou problemas apenas no âmbito econômico-social acirrando a desigualdade, implicou também na exploração da natureza, tema que se destaca na seara política internacional, devido aos prejuízos a que todos são expostos.

A cosmovisão indígena afirma que a Mãe Terra é sagrada, assim como relata o Viceministerio de Descolonización (BOLÍVIA, 2010, p.16), “La pachamama puede vivir sin nosotros pero nosotros no podemos vivir sin ella”. Em síntese, o Estado Plurinacional da Bolívia carrega com seus saberes indígenas uma nova dinâmica de perceber a estrutura estatal, a relação da natureza e os indivíduos e as relações sociais.

## 2.5 A perspectiva da interculturalidade na descolonização

A diversidade cultural constitui a base essencial do Estado Plurinacional Comunitário. A interculturalidade é o instrumento para a coesão e convivência harmônica e equilibrada entre os povos e nações. A interculturalidade terá lugar com respeito as diferenças e na igualdade de condições (BOLÍVIA, 2009).

A descolonização política da Bolívia busca no conceito de interculturalidade condições para romper as relações de dominação. Segundo Santos (2014) a interculturalidade não funde as culturas presentes e tampouco leva alguma ao esquecimento. O que faz é transformar a presença delas, que por serem incompletas são também ausentes. O relacionamento contínuo das culturas, que são incompletas, transformam gradualmente simples diálogos em diálogos transmodernos, transocidentais, transindígenas e transafricanos. As culturas presentes não perderão suas raízes, elas criarão novas alternativas.

A interculturalidade pós-colonial não elimina, ao contrário disso, reforça a existência das culturas como caminho para chegar as outras. Segundo Santos (2014), a transição não será fácil, haverá um movimento de força centrípeta liderado pelos mestiços e outro movimento centrífugo da plurinacionalidade. Tal plurinacionalidade é de grande importância para a luta contra a estrutura que segue colonial.

Logo, após os esclarecimentos de Santos (2014) existe a clareza que a interculturalidade é imprescindível para uma alternativa própria de organização e cultura, que critica as consequências advindas da colonização e se perpetuam. Assim, a combinação da interculturalidade e descolonização devem ser combinadas, para que haja o gradual fortalecimento do Estado plurinacional boliviano.

## 2.6 O Viceministerio de Descolonización

O *Viceministerio de Descolonización* é um órgão público de função importante nesse momento histórico da Bolívia. Uma vez que ele produz diretrizes de ações programáticas para a população heterogênea e busca criar um novo sentido entre as relações sociais e políticas na Bolívia.

De acordo com o *Viceministerio de Descolonización*, a descolonização gera questionamentos, expectativas e produz especulações, sem dúvida é um espaço de luta entre teoria e prática e entre teoria política e políticas públicas. Sendo assim, as transformações surgem dos alicerces da descolonização (BOLIVIA, 2010)

## 2.7 A instituição e suas ações

O *Viceministerio de Descolonización* é subordinado ao Ministerio de Culturas y Turismo e , por sua vez, é dividido em duas instâncias, são elas:

-Direção de Administração Geral e Pública Plurinacional, que se subdivide em: Unidade Gestão de Políticas Públicas de Descolonização com Entidades Territoriais Autônomas, de Antropologia e promoção de Saberes e Conhecimentos Ancestrais e Unidade de Despatriarcalização.

-Direção de Luta contra o Racismo, que se subdivide em: unidades de Gestão de Políticas contra o Racismo e Discriminação, Unidade Associada com Organizações Sociais e sociedade civil e Unidad de aplicação e Implementación de la Lei nº 045 (BOLIVIA, 2016).

De acordo com o órgão do *Viceministerio de Descolonización* (BOLIVIA, 2015), a perspectiva da instituição compreende que a descolonização é um processo constante de construção. Esta cita seis estratégias para a evolução do processo de descolonização:

1- Revolução judicial para viver bem: a revolução nesse campo diz respeito à descolonização da justiça e do direito. É importante desenvolver um perfil de juiz para o Estado Plurinacional, uma vez que o currículo acadêmico e as leis não contaram com o ponto de vista indígena. Além disso, é necessário estabelecer uma linguagem judicial descolonizada, pois o marco dos direitos fundamentais não se vincula a realidade. Vale salientar que a Organização das Nações Unidas já está trabalhando nesse sentido;

2-Descolonização do Estado: significa evidenciar o grau de colonialismo interno para assim transformar e consolidar o Estado Plurinacional. A hierarquia horizontal foi considerada a adequada para o Estado Plurinacional. Dessa forma, cogitou-se fundar a escola de líderes plurinacionais, no entanto, foi barrada no campo da teoria que obstaculizou o conceito;

3-História e memória plurinacional: deve-se encarregar uma comissão de difundir a verdade histórica, através de um banco de dados. Em conjunto, tem que se criar o museu da memória histórica e remodelar as grades curriculares da educação básica até o superior.

4-Mãe Terra sagrada: o âmbito da cultura precisa ser reforçado, falar sobre a relação cósmica e incentivar as práticas culturais em atividades religiosas;

5-Luta contra o racismo e discriminação: trabalha-se em cima do Plano Nacional de Luta Contra o Racismo e a Discriminação, de forma a gerar espaços que permitam a mobilização, reflexão e informação;

6-Despatriarcalização: as práticas da descolonização estão atreladas a despatriarcalização. Elas são inseparáveis e atualmente existe uma unidade encarregada de apontar ideias machistas nas leis, religião e educação, com o intuito de constituir uma sociedade mais justa.

Verifica-se que o processo de descolonização abarca várias áreas da estrutura estatal e da sociedade, também incide no campo subjetivo dos indivíduos. Abrange novas práticas de leis, comportamentos, epistemologia e visão de mundo. Vale ressaltar que as políticas públicas requerem a contínua vontade política. Nesse ínterim, os cidadãos bolivianos adquirem um papel importante de acompanhar as ações.

As estratégias para o processo de descolonização, expostas acima, são amplas e contam com ações planejadas mais específicas. Sendo assim, encontra-se no site do Viceministerio de Descolonización a reunião mais recente para definir as políticas públicas, ela foi realizada em La Paz, no dia 6 de março de 2015.

A gestão planeja o trabalho coordenado com as seguintes atividades:

- Realizar atividade de prevenção no dia 24 de maio (dia nacional contra o racismo e todas as formas de discriminação);
- Visibilizar os locais sagrados no dia 21 de Junho (ano novo andino amazônico);
- Realizar a premiação aos meios de comunicação que cumpriram com a elaboração de mensagens contra o racismo e discriminação;
- Realizar e coordenar o Encontro Nacional de Espiritualidade;

- Realizar a Segunda Reunião Nacional de Descolonização, Despatriarcalização e Luta Contra o Racismo e Toda Forma de Discriminação;
- Criar escolas para a formação de líderes indígenas regionais e assim fortalecer a identidade plurinacional;
- Realizar o concurso para o recebimento do título “Juana Azurduy” a personalidades, instituições, meios de comunicação, entre outros que contribuem para a eliminação do racismo e discriminação na Bolívia;
- Fortalecer a socialização do processo de descolonização através de seminários, oficinas educativas, elaboração de materiais impressos e audiovisuais e recuperar os idiomas originários campestres;
- Impulsionar a aprovação da Lei de Descolonização;
- Realizar feiras itinerantes para distribuir os materiais impressos e audiovisuais.

As políticas públicas ganham significado para modificar a realidade boliviana e os discursos realizados nesse período da história, do Estado Plurinacional boliviano, são frutos das relações de poder que emergiram na tentativa de atualizar verdades.

Percebe-se que as ações planejadas supracitadas estão majoritariamente no campo da divulgação da importância da descolonização. Os encontros e a distribuição de material são os passos iniciais que o órgão planejou. Em um Estado com tanta diversidade e com alto nível de colonialidade do poder é compreensível que limitações sejam encontradas. Ainda que um representante indígena seja o presidente da república, muitas outras relações de forças existem para atrasar ou impedir tais mudanças. O que se pode afirmar é que os saberes sujeitos na Bolívia estão mais valorizados e almejam mais do que isso, buscam de fato um Estado Plurinacional, ao menos é o que afirmam os documentos.

### CAPÍTULO 3

#### LIMITES E POSSIBILIDADES: UM OLHAR A PARTIR DE BENI

A dinâmica política-social das identidades indígenas da Bolívia me faziam questionar desde o meu período infantil, uma vez que meu pai é boliviano e moramos várias vezes na Bolívia e outras no Brasil, sobre o porquê de tantos indígenas sentirem vergonha de tais características ou se declararem como tal. Com o passar dos anos percebi que a resposta para a reflexão remonta ao período da colonização e agora se construiu um novo momento histórico, onde a relação de forças impulsiona a valorização das identidades indígenas.

A ida para a Bolívia foi a minha primeira viagem internacional sozinha, fui com a promessa de encontrar minha tia no aeroporto. Já havia conhecido o país em outras oportunidades, logo quando nasci passei cinco anos e regressei aos 12 anos por quase um ano.

Aquele país pulsava dentro de mim como se nunca o tivesse deixado, ao mesmo tempo, toda uma atmosfera diferente me tornava ansiosa com a viagem, o retorno por motivo familiar e acadêmico, a nova conjuntura social, política e econômica em que a Bolívia se encontra e o olhar curioso, aventureiro e comparativo de quem já havia adquirido raízes em outro país, o Brasil.

No dia 26 de outubro de 2016 embarquei no aeroporto Castro Pinto, da cidade de João Pessoa- Brasil, onde resido, rumo a Santa Cruz de La Sierra, no Estado Plurinacional da Bolívia. Durante a conexão de João Pessoa a São Paulo percebi que agora teria de assumir uma postura independente e firme para lograr uma boa pesquisa e viagem.

O primeiro momento em que me deparei com imprevisto fora no próprio aeroporto de Garulhos, em São Paulo, a funcionária da imigração me questionou a validade da carteira de identidade, afirmou que estava vencida, que havia passado 11 anos de sua emissão, um ano fora da validade e eu não tinha me dado conta.

Por um segundo me senti desesperada de ter que voltar pra casa sem a pesquisa, sem absolutamente nada e muito frustrada. Por proteção divina levei comigo a carteira de trabalho e apresentei a funcionária na tentativa de que ela comparasse a foto, era mais recente e ela assim o fez. Entrei na área internacional do aeroporto, mas ela me advertiu que provavelmente não me deixariam embarcar caso notassem, eu agradei e ao mesmo tempo veio o sentimento

de medo novamente. Não poderia dar errado, pelo menos dessa vez, eu repetia pra mim mesma que aprenderia a lição e mais nunca viajaria sem inspecionar rigorosamente a documentação.

Na sala do pré-embarque estavam todos os tipos de nacionalidades e traços fenotípicos, agora sim eu estava mais próxima do destino. Pude identificar rostos parecidos com o meu, com os do meu pai e família, lá estavam peruanos e bolivianos falando em espanhol e idiomas nativos, naquele momento tive certeza que até o alemão poderia ser mais fácil que aquela língua tão cheia de “s” e quase assobios que chegavam aos meus ouvidos curiosos.

Algumas horas mais tarde embarcava aliviada, não tinham reparado na data vencida da minha carteira de identidade e me senti determinada e agradecida aos céus. Nada poderia ser tão ruim quanto voltar pra casa sem a pesquisa, não corria mais esse perigo, em pouco tempo eu iria me revestir de pesquisadora e analisar tudo quanto pudesse.

Ao desembarcar na Bolívia fui recebida pela minha tia, que logo me levou para casa de seus familiares, com isso já pude iniciar minhas primeiras impressões sobre a relação *colla* e *camba*. Após matarmos a saudade decidimos passear pela cidade de Santa Cruz-Bolívia com o seu sobrinho.

Durante o caminho pelo parque urbano conversamos sobre como a cidade de Santa Cruz era agradável e no decorrer do diálogo, o sobrinho dela afirmou que não gostava da cidade de Cochabamba, disse que os cochalos não gostavam dos benianos (gentílicos de Chochabamaba e Beni), frisou que riam da forma de falar dos benianos.

Assim, o sobrinho dela não se sentia a vontade de estar entre eles. Notei como o preconceito se fazia presente, inclusive poderia limitar a aproximação entre as pessoas, já no primeiro dia que me encontrava na Bolívia pude me interar dessa realidade.

No dia 26 de setembro de 2016, a noite viajava para o destino final, a cidade de Trinidad no departamento de Beni. Eu e minha tia estávamos atrasadas, o táxi corria muito porque pelo horário do ônibus já deveria estar na estrada, no entanto não podíamos perdê-lo ou só viajaríamos no outro dia. Minha tia pediu ao taxista que nos deixasse na saída da rodoviária, saltamos do táxi apressadas, empurrando as malas, tropeçando e quase sendo atropeladas pelos ônibus. Exatamente o ônibus que nos levaria para Trinidad estava saindo da

rodoviária e após ficarmos na sua frente, ele parou, e nos deixou entrar, uma aventura que me deixou sem fôlego.

Enfim, chegamos à cidade de Trinidad, já era madrugada e eu me dando conta que estava muito longe de casa. Fui recebida pela família da minha tia entre a alegria das boas vindas e o sono interrompido, após alguns abraços nada mais era tão importante pra mim quanto esticar meu corpo na cama e não pensar mais em nada.

Acordei e iniciei a relatar a minha prima como tinha sido a viagem, só não entendia o porquê dela me olhar tão estranhamente, parei envergonhada de falar e nesse momento me veio a cabeça que eu estava na Bolívia e tinha que falar em espanhol com ela, eu passei alguns minutos falando efusivamente em português e ela calada esperando que eu me desse conta, rimos ao perceber que minha mente precisaria de mais tempo para se adaptar.

As duas primeiras semanas eu reservei para me adaptar a cidade, a língua e a cultura. Além disso, eu precisava dar atenção aos familiares e rever todos os parentes. Durante esse período não houve entrevistas formais, onde eu precisava me programar para o momento de perguntas e respostas. Eu disponibilizei esse tempo para observar de forma introspectiva e me esforçando para que nada escapasse aos meus olhos de pesquisadora iniciante.

O mês que viajei foi outubro e nesse período as aulas nas escolas e o comércio funcionam normalmente. Como me hospedei na casa de parentes pude acompanhar a rotina de uma família composta por *collas* e *cambas*, a mãe e a filha mais velha *collas* e o pai e a caçula *cambas*. A relação entre eles era de afeto e amor, mesmo assim encontrei elementos na oratória deles que remetiam ao regionalismo.

Alguns desses fatos que registrei foram: minha tia me presenteou com uma jaqueta jeans de coloração azul e logo após repetiu o gesto com minha prima, no entanto, disse que minha prima não poderia vestir porque ela ficaria negrinha e por conta disso eu ganhei mais uma jaqueta, a dela. Minha prima tem as características de *colla*, pele e olhos escuros e cabelo liso, no momento em que minha tia fez tal colocação, eu e minha prima não tivemos reação e escutamos calada.

Na minha percepção a minha prima não se ofendeu e eu fiquei refletindo que havia um terceiro termo nessas relações interpessoais de discriminação, a figura do negro dentro do estereótipo *colla*. O tempo que estive hospedada na casa da minha tia via a preocupação para que ninguém ficasse mais escuro do que já é, não era só precaução pelos raios solares, havia

um monitoramento do vestuário, quase como uma frase no inconsciente que pedia para ela não deixar ninguém da casa ser percebido como negro.

Por ela ser dona de loja de roupa, então tinha o prazer de controlar o que cada um vestiria, caso não lhe agradasse insistia até que trocássemos de roupa. Por vezes ela pediu para que eu usasse o que ela tinha escolhido, eu sentia que para ela as roupas ganhavam uma importância social, de ser reconhecida no ambiente de trabalho, de serem valorizadas.

O Mercado Central, onde minha tia caçula trabalha, abriga lojas de vestuário, brinquedos, calçados, tecidos, entre outros. Eu fui por muitas vezes nesse mercado e em outro chamado Mercado *Pompeya*, lá comercializam tudo que há no outro mercado e, além disso, vendem comida, artigos de papelaria e um pouco de tudo.

Nos dois mercados que freqüentei observava que uma grande parte dos trabalhadores tinham estereótipo *colla* e todas as vezes que perguntei indiretamente ou diretamente sobre a região que mais se via trabalhando pelos mercados a resposta era sempre a mesma, são os *collas* que mais trabalham nos mercados e em qualquer canto da Bolívia, são eles, eles gostam de progredir e os *cambas* são preguiçosos, os *cambas* não sabem o que é o trabalho de verdade. Assim me disse uma senhora de meia idade, branca, de olhos azuis e nascida em Trinidad, uma grande amiga da minha tia mais velha, que possui loja de roupa no Mercado *Pompeya*.

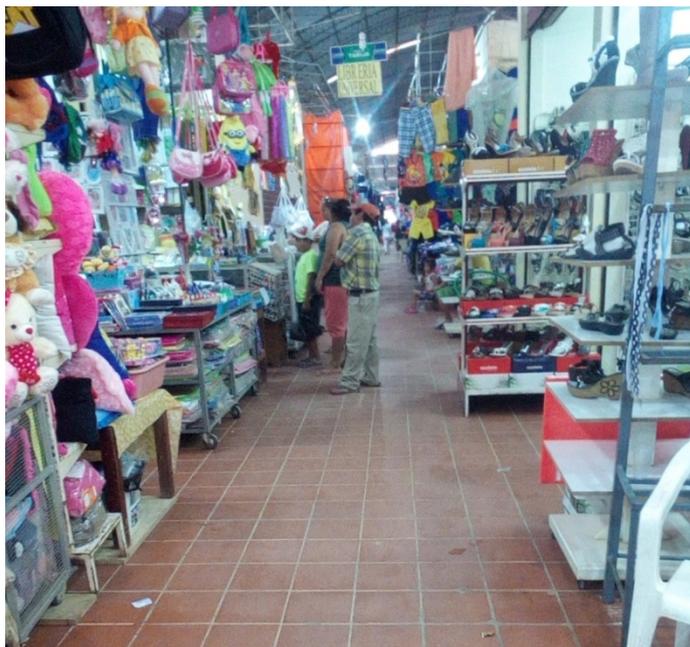
Em outras situações, por vezes, pude escutar a expressão *camba flojo* e *colla de mierda*, respectivamente: *camba* preguiçoso e *colla* de merda. Além dessas duas expressões acima há uma frase romântica que remete aos padrões que cada etnia possui da outra, por exemplo: *te quiero más que um colla a sua tienda*. A frase afirma que se ama mais que um *colla* ao seu trabalho, a sua loja. Foi assim que o namorado da minha prima se declarou pra ela. Quando escutei refleti como as frases de xingamento, bem humoradas ou românticas estão presentes na cultura boliviana.

**Figura 1:** Área externa do Mercado Pompeya .



Fonte: a autora, 2016.

**Figura 2:** Área interna do Mercado Pompeya



Fonte: a autora, 2016.

Um aspecto importante e que não poderia deixar de ser notado são as ruas da cidade de Trinidad. Sempre que podia preferia andar a pé, com mapa ou sem mapa, mas observando e fotografando. Nas passarelas das ruas e avenidas há monumentos que remetem a história de luta da cidade e da Bolívia, geralmente eram estátuas de soldados ou representações de indígenas que lutaram. Percebi que o governo se preocupa em manter viva a história de luta

de seus povos. Assim, diariamente os monumentos me faziam recordar e reconhecer que houve avanço e que há muito ainda a ser realizado por eles.

**Figura 3:** Homenagem ao bicentenário da rebelião emancipadora de Mojos 1810- 2010



Fonte: a autora, 2016

**Figura 4:** Homem livre



Fonte: a autora, 2016.

**Figura 5:** A Igreja e o índio



Fonte: a autora, 2016

Na segunda semana de estadia na Bolívia mudei de casa, passei a me hospedar na casa da minha vó, com ela, meu pai, um tio e a tia mais velha. Em frente à casa havia uma praça, com um monumento dedicado a marcha que saiu da cidade de Trinidad rumo a La Paz, muitos manifestantes foram agredidos violentamente e no meio da praça existe a lembrança em forma de homenagem aos indígenas.

A cidade de Trinidad me fez repensar o conceito de praça que eu tinha antes de viajar. Como a segunda casa que me hospedei era em frente à praça, pude perceber como ela respira a cidade, seus eventos e cidadãos. Se fosse o dia de aniversário de alguma cidade pode ter certeza que haveria comemoração na praça, se a escola estava na semana cultura era garantida a presença de exposições por lá e se fosse dia de algum santo, a sua imagem e seus fieis dariam uma volta ao redor da praça. Em algumas situações estava dentro de casa e saia correndo para saber qual era a comemoração do dia, em muitas dessas festividades os homens carregavam caixas da cerveja *paceña*, como é de costume.

Segue abaixo a fotografia desse monumento localizado na praça *Pompeya*. As crianças sempre brincam ao seu redor, entre escaladas e algodão doce os pequeninos se alegram, deixando suas mães agitadas com o medo de caírem das estátuas. Por isso, tive que esperar o melhor momento para realizar o registro fotográfico.

**Figura 6:** Monumento em alusão a marcha rumo a La Paz



Fonte: a autora, 2016.

**Figura 7:** Evento católico na praça



Fonte: a autora, 2016.

Há outra praça em Trinidad, a central, que muito me fazia refletir por toda suas imagens. Com um bom ângulo as estátuas ficam em frente a igreja católica, a catedral da cidade, e me fazia pensar sobre quanto significado poderia haver nesse enquadramento, o tanto que possui de símbolos e significados.

**Figura 8:** O indígena guerreiro, o soldado e a igreja



Fonte: a autora, 2016.

Além da experiência visual, que remete a história, também passei por um momento importante que tive antes de iniciar as entrevistas. Foi a experiência de professora. Minha tia mais velha viajou e me pediu que eu a substituísse no colégio Adhemar Bravo Monastério. Quando eu soube do nome do colégio fiquei muito surpresa, eu já havia estudado nele quando pequena. Eu fui por três dias com minha prima, é um colégio de poucos recursos, mesmo com as carteiras precárias e um buraco na porta- onde deixava o barulho entrar, proporcionava a espionagem de alunos bagunceiros, olhando por esse buraco e até se comunicando por lá- pude observar que sendo pequenos e com boa educação, muitos dos constrangimentos que o regionalismo causavam poderiam ser evitados, lá eles não eram *cambas* ou *collas* pra mim, eram bolivianos que poderiam ter uma vida diferente e longe de preconceitos. Nesses dias que permaneci como professora substituta, não vi alguma cena que remetesse ao preconceito pelo regionalismo, eles estavam interessados em aprender de forma diferente, indo ao quadro, saber sobre o Brasil e até falar português.

Esse contexto me ensinou o quanto a educação é a melhor alternativa para dirimir os comportamentos inadequados de uma sociedade com menos preconceitos raciais-geográficos-culturais-linguísticos, como os governos poderiam investir na educação básica para que esses pequenos pudessem ter a possibilidade de ter socializações cooperativas com seus pares.

**Figura 9:** Dia de aula na escola Adhemar Bravo Monastério



Fonte: registro de minha prima Bady Indira Alcón, 2016.

Na terceira semana em que estive na Bolívia iniciei as entrevistas pelos familiares e comecei com o meu pai, uma vez que me sentiria mais a vontade por ser a primeira vez que realizaria pesquisa de campo, e segundo porque ele já havia se candidatado como político da cidade.

Meu pai é dono de uma loja de máquinas de costura, nasceu em Oruro e vive em Trinidad, tem raízes *colla*, mas escolheu viver em uma cidade *camba*, assim como praticamente toda sua família, devido a questões de emprego. Sendo assim, percebi que ele poderia ter uma visão ampliada sobre as relações entre os *collas* e *cambas*.

Iniciei a entrevista com Hernán Humberto Alcón Churme durante o horário mais livre das vendas, enquanto ele comia laranja eu ligava o gravador e ficava atenta pra qualquer eventual anotação no caderno que destinei para a pesquisa.

[Tathiana: Muito se fala em *Collas* e *Cambas* na Bolívia, como posso identificar as características e diferenças?] Os *collas* vivem na parte do altiplano, La Paz, Cochabamba, Oruro, e a parte oriental é do Pando até o Beni. Pessoalmente se diferenciam pelo sotaque, no Altiplano remetem ao “s” (o sotaque), e aqui no oriente é o “*pues*”. Digamos, é como a pessoa que moram em São Paulo, eles falam “*caramba*” e no Nordeste falam “*oxe*”, “*oxente*” e têm outros sotaques em Brasília, em Salvador- Bahia, em todo canto, aqui também tem, o *colla* com o s. [Tathiana: E como você fala? Como *colla* ou como *camba*?] Hoje eu me acostumei porque vivi vários anos aqui em Beni, vivi no Brasil, na Inglaterra, por último todos somos bolivianos, todos índios, todos indígenas, todos somos bolivianos, benial (gentílico de Beni), todos somos bolivianos. Agora o presidente Evo Morales

decretou a lei *camba* e *colla*. Está proibido fazer a distinção de *camba* e *colla*, o *colla* fala, o *camba* também fala, mas a distinção hoje em dia está proibida, não se pode discriminar o *colla* ou discriminar o *camba*, pra tudo hoje em dia há lei, existe lei, todos somos bolivianos, no geral e temos que acatar a lei que Evo Morales impôs, todos os bolivianos. [Tathiana: Sobre essa lei que você falou de que não se pode discriminar, é uma lei direcionada para que se diminua a discriminação entre *collas* e *cambas* ? O que as pessoas falaram sobre essa lei?] Estão de acordo, antes os índios, pobres, não podiam ter ... não tinha trabalho, discriminavam a gente, não havia trabalho, não havia nada, é como se dissesse índios e acabou, na Bolívia não tinha nada, não sabiam escrever, não sabiam ler, mas com Evo Morales, eles foram estudar, ele (presidente) abriu escolas gratuitas, computadores gratuitos, hoje em dia o índio sabe dialogar, conversar politicamente, em todos aspectos já sabe, está se perdendo a mania de discriminar o índio, não se pode dizer que é totalmente, mas está diminuindo porque já sabem escrever, já sabem falar, já conversam, conversam politicamente, em todos os aspectos, as pessoas não se deixam mais enganar pelos políticos, já reclamam. [Tathiana: A respeito da cultura indígena, como se vê nesse período de Evo Morales? Não, a cultura segue, os indígenas não querem que se perca a cultura deles, continua, como se está avançando tem muita gente indígena que entra na universidade, antes não podiam entrar, agora são engenheiros, professores, já trabalham, são docentes, antes não existia isso, antes eram todos discriminados. [ Tathiana: Antes de quem, de Morales?]] Ou seja, antes de Evo Morales, Bolívia era um país pobre, já estávamos vendidos, a gente e os nossos filhos, o gasoduto, em vários aspectos, as pessoas agora já sabem, estão conscientes, está investindo muito dinheiro (o presidente), entra através dos impostos, sai e é dividido para que os indígenas se levantem, a estrada para o TIM também existe. Por que você acha que muitos países querem emprestar dinheiro fazer obra na Bolívia? Estão querendo fazer muitas obras na Bolívia porque o país não é pobre, é rico, os vegetais são deliciosos, em outros países, por exemplo, na Inglaterra, não se produz nada, é uma ilha, enquanto que na Bolívia temos terras férteis, temos terras virgens, temos madeira, temos todas as madeiras , se apontarem nós temos, temos tudo, os bolivianos *somos* acomodados, nada mais, acomodados, não é preguiça, é comodismo, como um país acomodado é como se tivesse o que precisa e pronto, só. [Tathiana: Por que você acredita que os bolivianos são acomodados?] Porque gostam de ter suas coisinhas e acabou, tem muitas pessoas em outros países, que gostam de ter seu veículo, sua casa de luxo, de tudo, na Bolívia não, gostam de ter suas coisinhas e nada mais. Não é preguiça e todos os bolivianos em outros países são bem vindos, são bem vindos porque são as pessoas mais trabalhadoras, mais trabalhadoras do que em outros países, por exemplo: os peruanos, ninguém quer os peruanos, ninguém, no entanto os bolivianos... [Tathiana: Como você observa a política de valorização da cultura indígena pelo governo? Exemplo disso a coca e a língua *quechua* e *aymara*.] Por exemplo, a coca é um remédio para a Bolívia, não é droga, não é nada, é um remédio que se toma para trabalhar mais, para que não te dê sono, no entanto quando chega da América, dos Estados Unidos o transformam em droga e a droga vale muito dinheiro, faz mal para a humanidade, para as pessoas, é droga, não serve para nada. Por isso quando fazem inspeção queimam tudo no Chapare. [Tathiana:Você acredita que os indígenas sentem o impacto das políticas públicas do governo de Evo Morales?] Claro, por que você acredita que os indígenas estão apoiando? A maioria dos indígenas apoiam porque tem escolas, sabem ler, escrever, tem computador, tem tudo, também estão agradecidos porque Evo Morales está fazendo obras, está entregando

escolas, quadras, entrega de tudo. [Tathiana: Os *cambas* apoiam Evo Morales ou nem tanto como os *collas*? É diferente o apoio?] Os *cambas* estão apoiando, se deram conta, Evo Morales está fazendo obras no Altiplano e está chegando aqui em Beni, estão apoiando, se sente que as pessoas, mais do que tudo os indígenas...agora vai ter eleições de novo e fizeram uma consulta, Evo perdeu por pontos, mas ... foi bom ter perdido porque está trabalhando com mais empenho agora, está entregando mais obras, mais quadras, mais de tudo. Então daqui a pouco chega a vez de Beni. [Tathiana: O referendo se tratava para saber se ele poderia ficar por mais tempo?] Sim, por mais tempo, ele quer se eleger de novo como presidente e tem apoio não somente da Bolívia, tem apoio de muitos países, até do Brasil. O Brasil vai apoiar assim como Evo Morales apoiou lá recentemente. Agora Estados Unidos, Colômbia, Equador, Chile, todos eles estão apoiando a Bolívia pra que se reeleja de novo e vai ganhar, vai ganhar, porque os outros presidentes nunca entregaram obras, nunca, o que eles fizeram foi saquear a Bolívia e levar o dinheiro em maletas, levaram todo o dinheiro, por exemplo: Sánchez de Lozada, Hugo Suarez, el ditador já levou maleta de dinheiro daqui da Bolívia, por isso estávamos pobres. Agora Evo Morales está colocando as coisas no lugar. [Tathiana: As políticas do governo de Evo Morales são gerais ou específicas? Os *cambas* acreditam que fazem mais coisas para o *colla*?] Não, o *camba* já se deu conta, estão apoiando, muitas instituições e mais do que tudo os indígenas já estão se dando conta, antes estavam com os olhos vendados, agora estão desvendando os olhos porque Evo Morales está fazendo obras, nenhum presidente fez como ele e agora ta vindo novas eleições e vai ganhar de novo. [Tathiana: No governo dele (Evo Morales) também se fala em políticas de descolonização, como a nacionalização dos recursos e a valorização da cultura. As pessoas sentem essa política da descolonização ou todavia é teoria ou está se caminhando para isso? Há políticas que se sentem a descolonização?] Em primeiro lugar o idioma, o problema do idioma, o idioma *quechua*, não o *aymara*, o *quechua* é um dialeto ou melhor um idioma, já está atualizado, já está tudo, o que sabe falar *quechua*... é um idioma..igual que o inglês, igual que o português, daí se começa. [Tathiana: por enquanto ainda não se ensina nas escolas o idioma *quechua*, correto?] Já se está ensinando, pelo menos no Altiplano estão ensinando, há uma matéria que se escolhe qualquer língua, se vai ser inglês, francês ou *quechua*. Praticamente, em outras palavras, muita gente não sabe que *quechua* é um idioma, mas é um idioma hoje, um idioma igual ao inglês ou francês. [Tathiana:Você citou que o idioma seria o primeiro ponto, quais são os outros?] Bom... o plano é grande, o plano abarca muitas áreas, agora não estou muito inteirado, mas existe, se vê, se sente e Evo está fazendo obras em toda Bolívia, em nível nacional da Bolívia . Mas por que ele faz? Porque até o salário dele e dos deputados baixou. [Tathiana: Então, a relação entre *collas* e *cambas* está melhorando de 20 anos pra cá?] Claro, existe uma diferença total agora. [Tathiana: Se te perguntam se é *colla* ou *camba*, o que você responde?] Claro, do Altiplano. [Tathiana: Quando você vai para outras cidades, já que você é *colla* e vive em Beni, como as pessoas te tratam?] Antes havia discriminação, agora já não há, está se acabando isso. [Tathiana: Em uma conversa com Selva (amiga da sua irmã) perguntei sobre a relação entre *collas* e *cambas* no Mercado Pompeya, ela disse que a maioria dos comerciantes eram *collas* e os *cambas* não gostavam de trabalhar, como você pensa sobre isso?] Eles gostam, o problema é que eles são acomodados, se eles não gostassem de trabalhar iriam comer o quê? Como iriam viver? A obrigação deles é trabalhar bem. [Tathiana: Você sabe como surgiu a expressão de que *colla* gosta de trabalhar e o *camba* é preguiçoso?] Não é preguiçoso, é acomodado.

Gostam de ganhar dinheiro pra sua motinha, sua casinha e pronto. Não quer mais nada que a sua comidinha e pronto. O *colla* não é assim, gosta de ter sua casa, mobilidade, se tem carro quer ter caminhão, se tem uma moto quer ter um carro. Então dessa forma se diferencia o Altiplano, eles gostam de trabalhar. [Tathiana: Utilizar a palavra indígena aqui é como um insulto ou estão valorizando?] Era como insulto antes, agora não mais. [Tathiana: Então não haveria problema se eu quisesse utilizar a palavra indígena?] Não há problema mais, são bolivianos no geral, são índios. [Tathiana: Quando Evo Morales iniciou o mandato muitas pessoas estavam contra, correto? Como foi nesse período?] Havia os contra porque ninguém queria Evo aqui no Altiplano, (deve ter confundido e quis se referir ao Oriente, aqui no oriente, onde estávamos) chamavam de *colla* e agora já não, Evo está trabalhando muito. [Tathiana: Houve um período que Santa Cruz quis sua independência de parte da Bolívia, ainda existe essa intenção?] Sim, queria ser independente, mas tá tudo tranquilo. Ele ganhou fazendo obras, não por falar como outros presidentes, não havia escola, carregavam todo o dinheiro. Agora Evo Morales está fazendo. [Tathiana: Me falaram que esse monumento na praça é em homenagem ao movimento indígena do Chapare] Chapare é uma cidadezinha de Cochabamba, onde se produz bastante coca, coca é um remédio e os estrangeiros vieram e fizeram droga, eles veem com dinheiro, poder mais forte e fazem droga. E a droga quanto vale? Um grama quanto vale? Vale muito dinheiro e nós nos sentimos bem porque aqui o cambado (de camba) não mascava e agora masca, pra ir ao sítio e pra viajar. [Tathiana: Se sente o trabalho do *Viceministério de Descolonización*?] Sim, eles estão trabalhando em várias cidades. [Tathiana: Você acredita que Evo Morales pode se eleger novamente?] Ganha, isso já se sabe. Por que ele fez outro dia um referendo? Ele queria saber se tem gente que o apoia, mas lamentavelmente perdeu. Agora está trabalhando com mais vontade pra poder ganhar, ele queria saber como um questionário mais ou menos, perdeu por pouquíssimos pontos, mas pra ele foi uma experiência porque tem gente que ta apoiando, se perdeu tudo bem também, era isso que ele queria saber. Ele segue entregando obras e ganhará com certeza, não existe um homem preparado na Bolívia, não existe nenhum que não seja Evo. Quem poderia entrar? Se ele sai os oportunistas chegam da Europa (Entrevista realizada com Hernán Humberto Alcón Churme)

A entrevista com Hernán me deu naquele momento uma noção do panorama boliviano. Posso destacar como o entrevistado representou a Bolívia em forma de unidade, em unidade indígena. Essa foi a primeira e única entrevista da pesquisa que o entrevistado afirmou que a Bolívia possui diferenças por regiões, mas possui a característica de união boliviana, a identidade indígena. Nesse dia da entrevista refleti a importância de se pensar o que seria ser indígena na Bolívia. Por que enquanto uns acreditam que todos são indígenas na Bolívia outros não concordam?

A segunda entrevista realizei com meu tio, ele sempre viveu na Bolívia e em Trinidad, há vários anos tem um loja de fogões e ferramentas, é casado com uma mulher *colla* e que por muitos anos também vive em Trinidad. A nossa conversa foi na calçada e uma vez ou outra éramos interrompidos por clientes.

[Tathiana: Como é a relação entre *collas* e *cambas* em Trinidad?] Antes de Evo as pessoas eram regionalistas, falavam “*colla* come cebola” e agora já não são tão radicais. Por exemplo: antes criticavam os *collas* e falavam que cheiravam mal por mascar coca e agora os *cambas* mascam mais que o *collas*. Os trabalhadores do campo mascam porque sem coca você não trabalha, em outras palavras, os *cambas* benianos consomem mais coca. O *camba* beniano e o *camba* cruceño são diferentes, o beniano é mais tranquilo, mais pacífico, enquanto o *camba* cruceño é mais farsante, arrogante. Os *collas* deram progresso aos benianos, porque a maioria dos *collas* tem casas melhores que os *cambas*. O que acontece é que os *cambas* se acomodam com aquele dinheiro do dia pra comer, beber, raparigar e pronto. As pessoas *collas* não são assim, poupam. [Tathiana: Então houve mudança antes e depois de governo Morales?] Houve mudanças, se houver regionalismo há cadeia. Mudou muito, antes as pessoas de *pollera* (vestimenta típica feminina indígena) não entravam no banco, havia discriminação com os pobres e quanto ao regionalismo. Vou te contar uma coisa, quando fui para Toledo lá me chamavam de *camba*, pela forma de falar que tenho. Falavam: este *camba* (risos do entrevistado) [Tathiana: Onde você nasceu?] Aqui. [Tathiana: Então você é filho de *collas* e é *camba*, é isso? Quando te perguntam sobre isso o que você responde?] Pra mim tanto faz, não importa, o importante é trabalhar e ter o seu dinheiro. Meu trabalho é independente, eu posso fazer o que tiver vontade, se eu quiser eu fecho, se eu quiser progredir me endivido, como eu estou fazendo agora pra ter as coisas. [Tathiana: Você acredita que o governo de Evo Morales proporcionou uma economia melhor?] Não me ajuda, a economia da Bolívia se mede pelo trabalho, o presidente, o prefeito na me dão dinheiro, eu é que tenho que trabalhar sim ou sim. Agora se eu trabalhasse numa prefeitura e vivesse na as custas dele aí sim. Pra mim não me interessa se entre outro presidente eu trabalho de forma independente. [Tathiana: Você votaria em quem pra presidente, votaria no Evo?] Tanto faz, não existe outro candidato também, os candidatos antigos já passaram de moda, o MNR, passou como uma roupa de moda, como se fosse isso. Não há um líder que possa competir com Evo por esse momento. [Tathiana: Na sua opinião, a política de Evo é diferente das outras?] Possa ser se que seja melhorzinha, antes as empresas estatais eram de outros países e agora foram transformadas em nacionais. Ultimamente acho que Evo não tinha empréstimo de dinheiro e agora parece que conseguiu empréstimo da China pra construir uma estrada em Santa Cruz, em torno de \$ 400.000.000. [Tathiana: Como foi o início da gestão de Evo?] Quando entrou o governo de Evo faziam chacota dele, quando discursava, quando falava do seu projeto. Como *colla* que era faziam chacota. [Tathiana: sobre a temática da descolonização (interrompida)] É isso que te falo, as pessoas *collas* eram discriminadas, agora com a lei que você não pode insultar outra pessoa há sanção. Claro que Evo fez estradas, escolas, quadras de esporte, universidades, fez mais que outros governos, digamos. Minha mulher era bem de Evo antes, depois que viajou pra Cochabamba mudou de opinião quanto a ele. Não quer mais saber de Evo. [Tathiana: O que foi que aconteceu?] Porque falaram que Evo quer o mesmo regime de Fidel Castro. O que significa o regime de Fidel Castro? Significa que você não pode ter três casas e nem duas casas, só pode ter uma casa, é outro tipo de política, como Evo tem mais relação com Cuba, com a esquerda, possa ser que ele queira converter a Bolívia em uma Cuba, digamos. Por várias temporadas Evo foi eleito presidente e segundo o estatuto creio que não pode continuar se elegendo e parece que ele não quer sair, tampouco existe uma oposição forte, os outros políticos anteriores já não têm tanta força. Por exemplo: quando o MNR estava no governo

privatizou todas as empresas para outros país estrangeiro, outro partido matou várias pessoas e outro fez narcotráfico. Em resumo: Rosana (esposa do entrevistado) não vota nele. Colocaram na cabeça dela que Evo quer converter Bolívia em uma Cuba. [Tathiana: O que você pensa sobre isso?] Que seria feio (risos do entrevistado). Pode acontecer de tudo. Acho que o povo se mobilizaria (Entrevista realizada com Alfredo Alcón).

O segundo entrevistado se manteve em várias ocasiões indiferente ao governo, no entanto demonstrou uma pequena satisfação com as políticas atuais. Alfredo aprovou a lei que procura diminuir a discriminação entre *collas* e *cambas*, o que realmente se mostrou insatisfeito foi com a possibilidade da Bolívia ter um regime parecido com o de Cuba. Ele foi o único entrevistado que tocou nesse assunto e se o governo conseguir mais um mandato os cidadãos podem acirrar o regionalismo para defender pontos políticos.

A terceira entrevista foi realizada com o comerciante de calçados Napoleon, ele tem uma loja no Mercado Pompeya há mais de vinte anos e nasceu em Trinidad. Conversamos na sua loja e como já estava acostumada algumas pausas eram feitas para que ele atendesse os seus clientes. Ele é vizinho de loja da minha avó e me recebeu de forma muito simpática.

[Tathiana: Como está atualmente a relação entre *colla* e *camba*?] Assim, o território do Altiplano é menor e por isso eles veem pra cá, pro Oriente. Existe a integração lingüística e étnica, é pela falta de espaço que veem pra cá. Aqui eles precisam se acostumar com o clima, que é muito quente, eles ficam até com feridas na pele por conta dos mosquitos. Eles não encontram espaço pra trabalhar em La Paz, não se produz muito lá, aqui a terra vive. Pelo fato da coabitação a relação está mudando, os filhos deles estão nascendo aqui. [Tathiana: Você acredita que Evo Morales ajudou na mudança da relação?] Sim, ele está fazendo estradas, com as estradas têm conexão, existe relacionamento, melhora a relação e o progresso. Não tem quase nada de discriminação. Evo Morales defende as pessoas renegadas. Agora todos podem participar da política, antes tinham que ser descendentes de espanhóis, agora as pessoas precisam ser técnicos e licenciados. Como Bolívia é multicultural agora conversa com o Oriente, antes era pouco. Eu não tenho partido, minha perspectiva é neutra, eu apoio se tiver progresso e eu apoio Morales. Morales também defende o que é tradicional, por exemplo a coca, ela serve pra evitar o sono e a fome, aqui se consome em Beni. É como defender sua identidade incaica [Tathiana: Qual é sua opinião a respeito do governo ter uma política descolonizadora?] O francês explorador deu valor as etnias (os avós do entrevistado tem origem francesa), antes selvagem e agora não mais. Eu respeito às pessoas do campo, originário do lugar, apoio os originários, por isso eu apoio Morales e não é por política. [Tathiana: Utilizar o termo índio ou indígena é discriminatório?] O índio vem do país Índia, é impróprio, é racista, denigre. Ele está recuperando os escravizados. Outra coisa também que tem até lei é usar o termo *camba*, os fazendeiros tratam assim seus trabalhadores. [Tathiana: Eles falam assim por acreditarem que os *cambas* não gostam de trabalhar?] Sim, e até o ministro falou sobre esse assunto, ele disse: como vão trabalhar se não têm ferramentas? [Tathiana: O que falta para o governo de Morales?] Acho que tem que ter auditoria, onde tem dinheiro, tem corrupção. Existe o progresso,

mas nem tudo é um copo de leite (Entrevista realizada com Napoleon Loras Vasques).

Napoleon me falou do seu passado, onde nasceu e trabalhou, o mercado já estava quase fechando de tanto que Napoleon explicava como era a Bolívia e até mesmo o Brasil. Percebi um cidadão otimista da conjuntura boliviana e da relação *colla e camba*.

Interessei-me por saber a opinião de organizações, não sabia se haveria diferença no tipo de entrevista, até então só tinha conversado com pessoas que podiam dar suas opiniões e pessoas próximas a mim. Estava ansiosa de como seria e fui buscar a Central de Povos Indígenas de Beni (CPIB), de mototáxi, o endereço já não era mais o mesmo e o mototaxista de tanto perguntar aos comerciantes conseguiu encontrar o local. Chegamos e percebi como a fachada poderia passar despercebida, depois que desci da moto notei que de tanto procurarmos isso tinha aumentado minha ansiedade, seria minha primeira entrevista onde eu realmente não conheceria ninguém, estava torcendo para que meu espanhol continuasse compreendido ainda que nervosa.

Ao entrar na CPIB havia uma sala com duas mesas de atendimento, escolhi a que estava desocupada e perguntei acanhada se eu poderia conversar com o responsável da Central, me falaram que a organização era dividida em duas, onde eu estava era a Central de Mulheres Indígenas de Beni (CMIB) e na outra mesa a CPIB. Estava surpresa e agradecida por em encontrar outra organização em alguns passos. Depois da explicação eu esclareci que era para uma pesquisa e que gostaria de entrevista-las. Ela se identificou como a presidente da CMIB e naquele momento estava fazendo as unhas, estavam na hora descontraída do dia. Acreditei que ela não iria aceitar a entrevista, não se mostrou acessível e perguntou pra quando seria, disse que se ela não se importasse poderia ser naquela hora, as duas amigas dela sentadas na mesa estavam curiosas pra saber de onde eu era, onde estudei e foi por conta delas que a entrevista iniciou. Pediram pra que eu sentasse que iríamos conversar, eu perguntei se poderia gravar pra fazer as anotações depois e a presidente não gostou, ela disse que um suíço tinha procurado pela Central, tinha pego informações e depois publicou livro e não citaram elas. Então rapidamente eu disse que entendia e que poderia fazer sem o gravador, eu tentava escrever o mais rápido possível para acompanhar, escrevia em português, em espanhol, abreviava as palavras e me preocupava em manter o contato visual. Na mesa estava a presidente Maryus Vaca Parada, Maria Ines Justiniano Chivana e Marta Celaty.

Antes acreditavam que os indígenas eram selvagens, mas não é assim. Os povos daqui lutavam por território e dignidade. Acreditamos que o governo

de Morales foi um avanço, temos nossos próprios representantes caso alguma situação fique difícil, foi uma conquista termos um presidente indígena e seguimos lutando contra as formas de escravidão. [Tathiana: O que o governo precisa aprimorar nessa gestão?] Temos leis, mas falta avançar, estão atrasadas. Tem lei, mas não cumprem. [Tathiana: O que se pode destacar de bom do governo?] Bom, é um governo a favor das mulheres, melhorou as leis para as mulheres, tem também os convênios internacionais que firmaram, as titulações de nosso território- Terra Comunitária de Origem/ TCO. [Tathiana: Como está a Bolívia agora com a lei de antidiscriminação?] Criaram instituições para se aproveitar. Diferente da gente, o Altiplano tem a terra para produção, já a gente cuida da terra, a gente sustenta nossa família e por isso falamos de TCO. O Altiplano tem a terra para vender, nós para conservar, por isso falam que somos preguiçosos e não é isso, é que os povos são diferentes. A palavra *camba* tiraram dos espanhóis. [Tathiana: Como é a representação indígena em Beni?] Nós temos senadores indígenas e temos o *uso y costumbre*. Se não fosse esse governo as coisas seriam mais difíceis, sem ele não seria possível. Nada foi também presente, o que conseguimos foi devido a nossa luta, graças a luta. [Tathiana: Qual é a demanda mais importante da CMIB?] Que a gente tenha mais representatividade, que se cumpram as leis que já se tem (Entrevista realizada com Marta Celaty).

A CMIB afirma está satisfeita com o governo e como sempre há o que se melhorar elas relatam que são o cumprimento da lei. Elas desejam agilidade para que haja progresso nas TCO's e continuem fortalecidas. Nesse momento da pesquisa fica mais claro como a relação entre *collas e cambas* pode estar associada ao componente terra e a produção.

Ao finalizar a entrevista com a CMIB fui me encontrar com o fundador da Central de Povos Indígenas de Beni, o senhor Ernesto Naetamo. Ele é um senhor de muita idade, simpático e bem articulado. Quando me apresentei ele estava lendo jornal e observei o seu chapéu na cabeça, com uma figura de Evo Morales e a frase: vamos bem. Em alguns momentos tive dificuldade de entender e ser entendida, não sei se pela idade do Seu Ernesto ou pela língua espanhola, a parte engraçada foi quando eu perguntei a frequência que um indígena visita a Central, ele respondeu que não sabia a frequência do rádio desse homem, eu guardei o riso porque demoraria mais tempo para explicar e ele já estava em outra parte da conversa.

[Tathiana: O senhor acredita que atualmente os indígenas estão numa situação melhor?] Não é que melhorou ou não, não está na sua totalidade, não é como queríamos. Aqui é o departamento que tem mais povos indígenas. Precisamos recuperar os territórios. Depois disso, de recuperar a terra, o governo precisa progredir. O governo não deu apoio econômico para o cultivo. Não tô dizendo pra nos dar de presente, estou falando de apoio. Não está bom como está, não temos os meios, por isso falam que não trabalhamos (se referindo a expressão *camba* preguiçoso). Agora pros campesinos é diferente, eles tem as máquinas, pra gente não tem nada. [Tathiana: Como se diferencia os campesinos dos indígenas?] Aqui (Beni)

são dezoitos povos indígenas, temos nossa própria cultura, fora o castelhano temos o *mojeño*, os campesinos não, eles só têm o castelhano. [Tathiana: Onde vivem os campesinos?] Eles vivem também no Oriente, onde não abarca o nosso. Bom, o governo sabe, nós somos da marcha (manifestação que vai até La Paz), já os campesinos eles conseguem através dos empréstimos. [Tathiana: Como funciona está organização?] Nós, aqui, supervisionamos as terras comunitárias que vivem da agricultura, plantam banana e estamos pedindo ao governo o que precisamos para crescer (Entrevista realizada com Ernesto Naetamo).

Seu Ernesto demonstrou estar ressentido com o governo, afirmou como é custoso pra eles conseguirem que suas demandas sejam atendidas, diferente da região do Altiplano que está no centro no poder, não precisam fazer manifestações e, na opinião do entrevistado, tem mais benefícios que os Orientais. Mais uma vez o elemento trabalho e trabalhadores serve como diferenciação para os *collas e cambas*. Por fim, conversar com Seu Ernesto foi um privilégio, consegui perceber muita luta no seu olhar, ele fundou a CPIB em 1990 e me serviu de inspiração para continuar a pesquisa.

Eu me preocupei em diversificar os tipos de profissionais que entrevistava para ter um panorama mais completo da situação boliviana, sendo assim marquei a entrevista com um jornalista amigo da minha prima, ele trabalha no jornal impresso da cidade (La Palavra) e se mostrou receptivo para me atender. Seu escritório era no jornal e parecia como uma casa na árvore, com uma escada muito perigosa, os pés tinham que ser postos de lado para caber no piso da escada, eu me concentrei para chegar viva no fim da escada e poder tirar minhas dúvidas.

O Território Indígena Multiétnico- TIM com aproximadamente vinte e nove comunidades, ao redor de San Ignacio, e o Território Indígena Multiétnico Interraciais- TIMIS composto por vinte e seis comunidades, todos de origem *mojeño*. O TIM agora tenta consolidar a autonomia indígena, já que se tem a autonomia departamental, municipal e a indígena, se conseguirem será a segunda da Bolívia (a primeira está localizada em Santa Cruz) e a primeira de Beni. Qual é a vantagem de ser um território autônomo? A vantagem é que os recursos chegariam diretamente ao território indígena ao invés de chegar para o município. Se diminuiria os recursos pro município e chegaria direto pra eles, não sei como vão chamar a figura que vai receber os recursos, se um prefeito, um governador ou outra coisa. Eles esperam isso porque sentem que San Ignacio não deu os recursos que eles merecem, não tem nem sequer um caminho decente pra chegar, tem comunidades que nem entra carro, tem que ser por moto ou a pé. [Tathiana: Abarcaria a justiça local ou seria restrito ao econômico?] Claro, o que acontece é que veriam a autonomia segundo competências reconhecidas, uma autoridade administrativa que lidaria não só com o tema econômico, mas com a distribuição e vão ter que lidar com a justiça, não necessariamente a justiça comunitária. Tem algo interessante que diferencia os povos *mojeños* e os povos andinos. Os *mojeños* não são de querer a justiça comunitária, no caso de algum delito eles seguram o delinquente e levam para a autoridade, em

poucos casos, bem poucos eles podem castigar com trabalho ou ficar com seus pertences, mas eles não têm visão de: eu te seguro e te bato e sim eu te seguro e te levo pra polícia. E se observar um pouco mais além é até um dado antropológico, não? A relação do povo *mojeño* com a dominação espanhola, representada pelos Jesuítas foi diferente com a relação dos povos ocidentais com os espanhóis. Os *mojeños* assimilaram a cultura espanhola jesuítica como parte da sua cultura, teve os inconvenientes, enfrentamentos, mortes, mas de forma geral foi menos radical que os povos do Altiplano, que se fecharam neles mesmo para resistir a dominação espanhola. [Tathiana: Sobre a relação entre os povos ocidentais e orientais, como você observa?] A relação entre eles existe antes da chegada dos espanhóis e atualmente há um processo de assimilação das cidades rurais, nas comunidades, pelo menos em Mojos não, mas em outras tem relações intercultural. Diria que de forma geral não há habitualmente relações entre os povos indígenas do Ocidente com Oriente. Claro que na oitava marcha visibiliza o cenário político bem dividido entre os povos indígenas, não por tema de guerra, de acepção, mas por questão geográfica, por poder. O indígena ocidental está empoderado agora e o indígena de Terra Baixa sente esse cenário. [Tathiana: Em outras conversas que tive me falaram também sobre a atenção ao Altiplano] Esse não é um problema de Evo Morales, ele só está reforçando o que sempre aconteceu. A Constituição reconhece trinta e seis etnias em Bolívia, 18 dessas estão em Beni, mas se fizerem um estudo de quantidade de habitantes e representatividade, claro que os do Altiplano terão mais representatividade porque são mais. [Tathiana: Quanto às palavras indígenas e originários, qual é a mais adequada? É discriminatório utilizar alguma delas?] Olha, aqui (Beni) não acredito que tenham problemas com isso, até porque o nome dos territórios deles levam a palavra indígena, como no TIMIS, agora o que acontece são mais com os campesinos e indígenas, quando você for a uma comunidade indígena não fale dos campesinos, estão brigando, aí sim se observa problema, mas não por ser chamado de indígena. [Tathiana: Como está na sua visão a relação Ocidente e Oriente e *colla* e *camba*? Sabendo que agora existe a lei antidiscriminação.] Honestamente, eu acho que a lei só escondeu um eterno conflito e que não era conflito. Em 2008 o regionalismo ficou muito forte com a vontade de independência da meia lua, foi nesse momento que se tornou tão difícil levar essa situação, antes disso era meramente nominal, *camba* e *colla*. A lei não combate, não implica que se diminua a animosidade que um tem. Posso citar o problema de fronteira que Beni tem com Cochabamba, onde o TIMIS foi buscar ajuda internacional. É um problema nacional de fronteira que inclui tudo. A discriminação não diminuiu, hoje é violenta. Você sabe que as diferenças se anulam quando se trabalha com integração e desenvolvimento, quando se tem alteridade, mas bem o governo deveria ter uma política nacional voltada para a integração e alteridade. Agora estamos vendo a política de descolonização ao contrário, no departamento que tem dezoito povos indígenas (Beni) chegaram nos últimos cinco anos, mais de cem comunidades indígenas do Ocidente, isso é muito sério. Estamos falando de tentar colonizar onde das dezoito etnias mais da metade já desapareceram, onde dez línguas não existem mais, onde há um processo forte de imigração, vindo para a cidade, desconhecendo as raízes. Uma região onde está em um franco processo de perder a sua cultura e ter outra diferente sumamente forte. [Tathiana: Então seria a cultura *colla* dominando a *camba*?] Sim, tem lugares que nem se escuta mais as músicas *camba*, no município de Santo Andres, por exemplo. Nossas etnias são mais absorventes. [Tathiana: Quando você fala nossas está se enquadrando como *camba*?] O tema etnia é algo forte aqui em Beni e eu digo sim que sou

*camba*, antes disso eu digo que sou *mojeño*, eu sou trinitário, mas tenho vínculos *mojeño*. [Tathiana: Como você percebe a política de descolonização na Bolívia? O que você pensa sobre o Estado não reconhecer a existência de mestiços?] Quanto mais uma cultura se fecha, mais está perto da sua morte. Por isso, eu acredito que a cultura tem que crescer e reproduzir. Eu não posso dizer absolutamente que sou mestiço, que sou *mojeño*, bom, eu não falo *mojeño*, eu reconheço minhas raízes *mojeñas* de mais de mil anos, mas eu fui formado em uma cultura mestiça, que agora não me reconhece, pra mim isso parece um erro. [Tathiana: Como você avalia o atual governo?] Muito além da minha posição política, que eu tenho, há muitos processos culturais, filosóficos, econômicos que não chegou em Beni. Eu não estou de acordo com a linha dura que Evo Morales conduz. Não concordo com um governo que se diz indígena e intervenha militarmente em um movimento indígena, assim como aconteceu em Chaparina. O que aconteceu foi que em 2011 os indígenas das Terras Baixas fizeram uma marcha até La Paz, para exigir do governo Morales mais representatividade e governo respondeu atacando. Como acreditar num governo assim? (Entrevista realizada com Ricardo Gutierrez Angulo).

Avalio a entrevista de Ricardo como muito rica para a pesquisa, ele me fez conhecer o ponto de vista de um jornalista crítico do governo e que já esteve com os indígenas que vivem afastados das cidades. Ele foi bem taxativo ao explicar que em sua opinião a lei antidiscriminação não resolve o problema de preconceito entre *collas e cambas*, apenas mascara e pode até piorar com o passar do tempo, o que o governo deveria aplicar eram políticas de integração e alteridade. Ricardo evidencia uma Bolívia dividida em dois pólos e que esse governo não foi capaz de modificar a situação.

A próxima entrevista eu fiz com a Federação Sindical Única de Trabalhadores Campesinos de Beni. Como antes havia escutado os indígenas era importante saber um pouco mais sobre os campesinos, ainda mais depois que Ricardo Ângulo explicou sobre a divisão entre eles.

A federação está localizada em uma casa em frente a praça dos fazendeiros, de longe eu vi um grupo de vários homens conversando e depois entravam mais homens nessa casa. Eu permaneci um tempo na praça recapitulando tudo que eu tinha que fazer e perguntar, mas não só isso, eu estava com vergonha de entrar na federação, não sabia se seria bem recebida, eles pareciam ocupados e, além disso, não encontrava nenhuma mulher para encontrar apoio e diminuir minha vergonha. No escritório uma senhora me levou até um dos líderes, foi muito amável e disse que eu poderia falar com eles no salão. Eles não entenderam a minha presença e por alguns minutos tive que explicar, uma das primeiras perguntas que me fizeram foi pra saber o meu sobrenome, quando eu disse de imediato mencionaram que era um sobrenome *colla*. Eu devo ter ficado triste naquele momento acreditando que a entrevista seria limitada

por esse motivo. Eles eram *cambas*, não sabia até que ponto isso poderia influenciar. Conversamos com mais algumas pessoas que estavam na federação e outros que chegavam, se mostraram confortáveis e por sorte o meu sobrenome não foi levado em consideração.

O entrevistado Rogers tem amigos brasileiros que conhecem o nordeste e me fez desenhar o mapa pra saber se a minha cidade era longe ou perto da Bolívia, me falou da sua descendência estrangeira, mas isso escapou a minha anotação. No meu caderno de anotação ele carimbou seu nome e por conta da tinta que manchou um pouco talvez uma letra ou outra esteja errada do seu nome.

[Tathiana: Como a federação avalia o atual governo?] Com ele se tomou em consideração as representações em todos os níveis, valorizou as mulheres, as crianças e defendem a família. Somos a base do governo, foi gestado na nossa organização, que nasceu nos anos cinquenta. Reconhecemos também que falta uma mudança como campesinos, estamos esperando, até onde pudermos. É por conta do nosso irmão Evo que somos conhecidos e até internacionalmente. O governo dele criou leis, mas é necessário que se concretize, até o dia de hoje sustentamos o nosso irmão. É preciso que se dê para receber. A economia do país é sustentada pelos pequenos produtores, por nós e por isso é importante a soberania alimentar. É verdade que temos dificuldades, mas melhorou, temos caminho, podemos chegar as capitais, temos o que antes não tínhamos, existe política pública até nos lugares mais afastados e agora tem internet. Nós apostamos que o presidente siga e concretize o projeto produtivo, ele tem boa intenção, a questão é que o seu entorno não pensa igual. Beni alimenta toda Bolívia, é necessário mecanizar a produção e uma reforma agrária. Outro ponto importante é o crédito, deveria ter o crédito agrário, quando alguém da cidade pede crédito tem a casa para dar de garantia, a gente não, eles não aceitam a produção como garantia, até eles saíam ganhando com isso, eles teriam mais clientes, eles não tem nem profissionais que saibam das coisas do campo, não sabem nem o tempo de plantação e assim a gente não consegue o crédito que precisamos. Somos pequenos produtores e queremos ter um pequeno gado, o ministério só favorece os empresários e os grandes fazendeiros. Aqui se discrimina até se a pessoa tem estudo, falo isso porque se a pessoa for um licenciado não pode ter terra, qualquer pessoa poderia ter o direito de ter estudo e ser produtor. Está perigoso o governo da Bolívia, por conta dos Estados Unidos e o capitalismo. Eu desejo e acredito que um dia os governos vão se juntar e o povo é que vai governar. Nós vamos acordar e não haverá problema com o capitalismo. [Tathiana: Como o senhor diferencia o campesino do indígena?] Praticamente somos todos originários aqui em Beni, nossa vida foi no campo, tem sangue indígena, asiático... e o TCO é diferente do que nós queremos. O indígena ele caça e ele tem tudo da natureza, somos parecidos, mas somos mais mercantilistas. [Tathiana: há indígena campesino? Como acontece aqui na organização?] Tem indígenas dentro dos campesinos, temos irmãos indígenas campesinos. Antes existia o dia do índio, agora é dia do indígena originário campesino, assim abarca tudo. O governo foi justo com os indígenas e não foi justo com os campesinos, não há equidade. [Tathiana: Como o governo trata o Ocidente e Oriente?] Nós temos que viajar muito, o nosso ministro é mais descansado, pedimos que seja mais descentralizado. O Ocidente é pequeno, mas é

valioso. Se um campesino lá vende sua casa recebe muito mais do que se fosse receber vendendo aqui, ele chega aqui com esse dinheiro e faz muito mais coisas que a gente. Nós falamos: “pra que está vendendo esse *cojudo*? Aqui não temos ajuda das autoridades, por isso que falam que o *camba* é preguiçoso (Entrevista realizada com Rogers Aloctte Strvevet Haragucht).

O entrevistado viu a necessidade de diferenciar os indígenas dos campesinos, de como podem parecer, mas são diferentes, é o olhar mercantilista que ele aponta como distinção. Ele relata que o governo pode ter uma postura preconceituosa, que centralizou suas políticas para os indígenas e os deixaram em segundo plano. Fez questão de dizer que existe preconceito caso o campesino seja uma pessoa que estudou, ou seja, denunciando a postura preconceituosa do governo acreditar que o campesino só pode existir como identidade caso cumpra a exigência de ser sem escolaridade.

O próximo entrevistado, que vem logo abaixo, é de um jornalista da cidade de Trinidad, por várias vezes eu me surpreendi com suas declarações. Não será possível utilizar o nome verdadeiro do entrevistado na pesquisa, uma vez que, ele afirma que há um documento a respeito de Evo Morales que afirma que o presidente não é indígena, sendo assim, na pesquisa seu nome será Nico.

De todos os entrevistados ele foi o mais enfático ao relatar a identidade indígena na Bolívia através da sua perspectiva. Pra ele o indígena é a pessoa que anda com poucas vestes na selva, após a entrevista eu precisei refletir sobre o que é ser indígena na Bolívia pra mim, ainda não tenho a resposta. Será que no Brasil também se tem essa concepção? Qual é a consequência desse prisma. Foram as indagações que passaram na minha cabeça enquanto registrava anotações da pesquisa. Ele também retrata como é a relação entre *collas e cambas* no Ocidente e Oriente como segue abaixo.

Os povos indígenas agora estão rodeados de tecnologia, tem celular, tem televisão, escutam rádio e veio uma série de coisas prejudiciais quando se abre uma estrada, passam veículos no meio no parque, contaminam o parque e pra Evo Morales isso parece que é bom, ele chama isso de desenvolvimento. Em contrapartida, a forma atual em que vivem os indígenas é pobre, se você observa de outro ponto de vista em sua pobreza está sua riqueza, ou seja, não se vestirão bem, viverão com a roupa suja, quase nus, mas é a sua riqueza. Uma criança aos doze anos já sabe pescar, já utiliza a flecha, coloca na brasa e em quinze minutos está comendo. A água não é potável, mas seu organismo já está acostumado e isso para algumas pessoas é pobreza. Atualmente criaram uma divisão entre os povos indígenas, entre os que apoiam a Evo Morales e os que são oposição. Antes apoiavam a Evo Morales, faziam parte do entorno de Evo Morales, até que chegou o momento em que Evo Morales disse: vamos fazer a estrada. Foi aí que eles se separaram. Isso enquanto ao povos indígenas do Oriente, existe povos indígenas do Ocidente que é a parte do altiplano, se bem que já estão totalmente civilizados eles, não consegue encontrar indígenas *aymaras* que não tenham acesso a telefonia, que não tenha acesso as estradas, estão

civilizados ou os verdadeiros indígenas morreram e são os filhos que vivem. No Sul da Bolívia existe outros povos indígenas que têm influência muito forte dos indígenas paraguaios, os guaranis. Mesmo assim se encontra indígenas que estão civilizados, mas se distanciam da sociedade para manter sua cultura: dança, música e idioma. Agora há outra situação, Evo Morales para dividir os povos indígenas conseguiu apoio de líderes que se opunham a construção de uma estrada. Na marcha indígena de 2011 uma indígena que era contrária a essa construção saiu daqui (Beni) até La Paz, ela brigou, ela recebeu gás lacrimogêneo e chegando lá, com um montão de dinheiro se converteu pro lado de Evo Morales e disse que tinha que construir a estrada. Não tem como provar que recebeu dinheiro pra ela, mas tem como provar que recebeu dinheiro do Fundo Indígena para fazer coisas. Há extratos bancários na conta, em um só dia recebeu duzentos milhões de bolivianos, estamos falando de três milhões de dólares, então foi muito dinheiro, desde as nove da manhã até as três da tarde recebeu essa quantidade de dinheiro. Agora está na cadeia. [Tathiana: Ela é daqui? Da Central de Povos indígenas?] Sim, da Central de Povos Indígenas, agora há duas Central de Povos Indígenas de Beni, a que está a favor do governo e a que está contra o governo. Existe também situações em que as ONG's ou organizações que apoiam por um período deixa de apoiar depois, quando percebem a mudança de atitude de Evo Morales. A mesma coisa acontece com os meios de comunicação, a rádio Erbol tinha amizade com Evo Morales, desde a marcha de 1991 pela liberdade e dignidade encabeçada por Morales a Erbol apoiou a Morales. Era o líder campesino, o líder que lutava pelo povo, quando entrou na presidência continuou apoiando, depois de dois meses observou a atitude de Morales e passou a ser oposição. Há o caso conhecido da jornalista Maria Pando, não sei se você conhece, ela era da televisão estatal, foi pra Erbol e continuava apoiando Morales, de um momento pro outro mudou e disse que não apoiava mais Morales. Isso aconteceu em 2009/2010, a mudança de situação para oposição dessa rádio Erbol, para defender os direitos reais dos povos indígenas ou dos movimentos sociais, certo? Então, agora a situação da Bolívia está dividida, entre os que receberam muitos benefícios de Morales e a outra metade da população que está em oposição a Evo Morales. [Tathiana: A que recebeu mais benefícios de Evo Morales seria o Altiplano e a que recebeu menos seria o Oriente?] Sim, sim, houve um apoio econômico forte de Evo para o povo ocidental. Por exemplo: em 2001 tentaram modificar as bandeiras na Bolívia e incluir a Wiphala, a bandeira colorida, dentro do estandarte boliviano. Os indígenas do Oriente foram contra porque falaram que não se identificavam com isso enquanto bolivianos, esse é um símbolo do Altiplano, do Ocidente. Nós somos aqui do arco, flecha, somos da folha do patujú. Quando Morales entrou e fez a Magna Carta e incluíram a Wiphala, já a flor de patujú está como emblema nacional desde 1993, conseguiram a inclusão da flor de iupala como emblema nacional, antes não era declarada patrimônio, era só uma flor. Agora o que Morales fez foi incluir como emblema nacional a flor de iupala também como patrimônio nacional. A Bolívia tem duas flores nacionais, a cantuta, que representa o Ocidente, o Altiplano, e a flor de patuju, que representa o setor Oriental. Agora a Wiphala que é uma bandeira só do Altiplano e não há um emblema dos povos indígenas Orientais. Há uma divisão bem definida nesse sentido, assim são dois povos indígenas. [Tathiana: Por aí também iniciou o conflito ideológico e político?] Isso, sim, também, por Trinidad que é o mínimo ou no nível nacional há dois povos indígenas de Beni, há dois comitês cívicos, há duas federações de mulheres indígenas, existe tudo em dobro, todas as organizações sociais têm duas, agora em alguns locais só tem um porque não houve problema com o

governo ou o governo comprou todos eles. [Tathiana: no início da entrevista você me disse que o governo de Evo Morales é contraditório, seria nesse tema de políticas para os indígenas que seu governo é contraditório?] Claro, porque a bandeira é defender a Mãe Terra e a Mãe Terra está nos cuidados dos indígenas, se defende a Mãe Terra por que está construindo uma estrada dentro do território indígena? Brasil está construindo uma estrada corredor bioceânico com Peru, que atravessa o pantanal brasileiro, numa reserva natural onde tem povos indígenas e Morales aparece defendendo os povos indígenas do Brasil, quando está fazendo o mesmo em Bolívia. Por isso que eu digo que é contraditório. Eu tive a oportunidade de trabalhar no governo e depois saí, lá você sente ... até o racismo. Por exemplo: quando eu vim em 2001 viver aqui em Trinidad, eu sou do Ocidente, nasci em La Paz. Eu me relacionava com os *cambas* e não tinha nenhum tipo de problema, não havia tanto racismo como existe agora, se tornou mais forte o racismo agora, você é do Ocidente e te olham de uma forma mais feia do que antes. [Tathiana: Interessante ouvir tua opinião sobre isso, perguntei a outros tipos de profissionais e eles tiveram uma percepção diferente, inclusive porque agora existe uma lei.] Sim, obviamente, disfarçam, não fazem em público, se sente a reprovação quando se aproxima. Antes falavam na sua frente: ah, esse *colla*! Falavam até de uma forma carinhosa, mas agora não te falam *colla* porque tem processo. Então o que se sente é a discriminação, é bem pior do que se falassem *colla* e está muito mais mascarado. [Tathiana: E sente isso aqui em Trinidad?] Sim, sim, eu vivi de 2001 a 2004 aqui (Trinidad) e voltei em janeiro desse ano (2016). Falam: o colhinha e riem, o colhinha tem a culpa e de brincadeira, mas agora não, só te olham feio porque é o colhinha e te deixam de lado, seja qual for o motivo, por conta da origem da pessoa. O mesmo acontece em La Paz, se veem um beniano “este *camba* de merda, o que está fazendo aqui? Que volte pra sua terra”. Eu não posso ser participe do que os orientais pensam porque eu sou ocidental. [Tathiana: Você nasceu em La Paz, mas vive aqui (Trinidad), o que você se considera?] Bom ..., sou pacenho (gentílico de La Paz), não posso negar, mas a ascendência familiar vai além das origens Aymaras, tenho origens chilenas, meus avós são chilenos e bisavós peruanos. Eu gosto daqui, as pessoas são mais sinceras aqui, se eles não gostam de algo te falam, em compensação no Ocidente são mais fechados, falam pelas costas. O mesmo acontece em Santa Cruz, tive a oportunidade de trabalhar lá e sentia o preconceito. Agora, por exemplo, se meus filhos nascem aqui vão defender mais Beni do que os próprios filhos deles, dos próprios benianos. Aí se cria o ressentimento. Eu tenho sobrinhos que são filhos de *collas* e vivem em Santa Cruz, eles são totalmente anti-*collas*, eles não falam nada na minha frente, mas falam com outros *collas* da rua. Se a pessoa é daqui e busca uma esposa em La Paz as pessoas falam “não, *colla* não, prefiro que seja daqui”. O ocidental é muito mais racista que os daqui, totalmente. [Tathiana: E sobre as expressões que se utilizam para o *colla* e *camba*?] Vou te dar um exemplo sobre a expressão *camba* preguiçoso, se tem o modismo de utilizar isso para uma pessoa que trabalha meio período. Aqui (Trinidad) é bem diferente. Em La Paz são trabalhadores, muito fechados e muito mais discriminadores. Os *cambas* são de Santa Cruz, Beni, Pando e uma parte de Tarija ou a meia lua, já ouviu falar da meia lua? O resto são *collas*, Cochabamba, Oruro, Potosí, Sucre, La Paz, são *collas*, essa parte tinham influência do Alto Peru e o Oriente tem muito mais influência do Brasil, do Paraguai com relação aos guaranis, então estão divididos em dois, *cambas* e *collas*. [Tathiana: Se pode falar que um *camba* é indígena? Ou já se pressupõe que ele não é indígena e somente os *collas* são] Não, o *colla* ou o *camba* determina a região em que vive, só isso, não determina se é ou não indígena. Um *colla* pode ser branco, rico, de

origem alemã, mas que tenha nascido em La Paz, certo? Ou pode ser um campesino aymara, nascido no Lago Titicaca é igualmente *colla*, só determina o local onde nasceu. [Tathiana: Quanto a palavra “indígena”, como ela é vista, tem um sentido pejorativo?] Em Beni existe um resgate, por exemplo, tem um bairro indígena que fica perto do cemitério. Eles vivem lá e não têm vergonha de falar que é indígena e vem de tal comunidade. Já no Ocidente é pejorativo e a própria relação entre os *collas* é igual, ou seja, é de inveja. Te digo um exemplo: o indígena aymara buscou melhorar seu sangue com uma pessoa da cidade, buscam melhorar seu sobrenome com um espanhol, um Soares, um Lopes, um Carvajal, então na mistura desses dois nasce um *cholo*, certo? O *choleado* é como a cerveja com a coca-cola. O *cholo* pode matar sua família, é como se matasse seu pai ao dizer que não é indígena e esse *cholo* se vincula com a esfera mais alta da sociedade Ocidental, por exemplo, pra deixar sua ascendência. [Tathiana: Ainda acontece isso, de não querer sua própria família por ser indígena?] Sim, não demonstram, mas acontece constantemente. [Tathiana: O que você pensa sobre a afirmação que a Bolívia é um país de várias nações e que não há reconhecimento pelo Estado boliviano dos mestiços?] O Estado fez isso de maneira deliberada, o mestiço existe, um governo que fez isso ... porque falam que Morales é indígena, mas ele não é indígena, não é indígena. [Tathiana: O que é ser indígena?] O que é indígena? É ... um que nasceu dentro do habitat da selva. Eu tive acesso a uma exame, um documento que não posso divulgar, fizeram uma análise de sangue de Morales e de sua mãe e pai e Morales não tem o sangue do pai, só tem o sobrenome, ele é filho de um croata, mas eu não posso divulgar isso. [Tathiana: O pai dele sabe disso?] Não, pegaram o DNA dele e fizeram isso de forma clandestina e fizeram a comparação. Então, eu não considero que ele é um indígena e nem que seja de uma família indígena, eu não acredito nisso. A família de Morales no Orinoca era a família mais abastada, tinha muitos terrenos, era dominante, criavam bovinos, tinham muitas ovelhas também, llamas. O indígena aymara tem o justo e o necessário, tem para o dia a dia. Pra se ter uma ideia até o 2012 não se tinha moeda no TIMIS lá funcionava o escambo, a moeda só utilizavam na cidade, lá a moeda não tinha valor. Se você tinha peixe poderia trocar por arroz e funcionava. Como consequência da instalação de uma telefonia celular, uma televisão estatal as coisas foram mudando, deixaram de cozinhar a lenha e passaram a cozinhar com gás, poluindo o meio ambiente, foram mudando a força. Civilizaram eles a força. [Tathiana:Então você acredita que Evo Morales se utiliza de ser indígena?] Se utiliza de ser indígena para permanecer no governo, como imagem, como imagem internacional. Eu conheci Morales quando eu tinha catorze anos e nunca me inspirou confiança, desde a primeira vez que o vi, sempre o vi como algo teatral. Morales vivia com sua bolsa de comida e dividia o peixe, uma das vezes chegou de Cuba, convidou um jornalista para almoçar e a noite para beber, eu ficava observando, se ele fosse do povo como fala e queria compartilhar, por que ele convidada só os chefes? Se não desse pra ser muito poderia ser uma coca-cola, mas que fosse com todos do jornal e não só com o chefe. Eu não concordo com isso, quando faço um almoço é pra todo mundo porque somos uma equipe. De todo o mal que Evo Morales fez no seu governo também tem coisa boa, que eu me sinto contente, tem o sistema de monitoramento de velocidade, mas só funcionou seis meses porque não pagaram. [Tathiana: Quanto a parte social você destacaria algo?] Na parte social, eu considero que ao pobre não se pode dar dinheiro, tem que dar comida, ferramentas. Ao invés de dar mil bolivianos, dê ferramentas e comida pra que possa trabalhar. Eu posso citar um exemplo familiar, dava pra minha mãe mil dólares por mês pra ela produzir marmelada e eu nunca

vi o retorno desse dinheiro, eu deveria ter ensinado a minha mãe a valorizar quanto custa o produto, a matéria prima e todas essas coisas, agora poderia ter uma tremenda fábrica da marmelada, foram três anos e nunca vi fruto algum, as máquinas estragaram, não tinha dinheiro nem pra consertar as máquinas. O mesmo acontece, eu não daria Juancito Pinto (dinheiro que o governo dá aos alunos uma vez por ano, a todos que estudam na rede pública), eu daria uniforme, cadernos, a mãe eu não daria dinheiro, daria fraldas e remédios. [Tathiana: Como você percebe o tema da descolonização na Bolívia? Inclusive com o próprio Viceministério de Descolonização.] É só uma propaganda. Eu fui no Viceministério de Descolonização acompanhar uma senhora que sofreu discriminação, de início já me trataram mal, perguntaram o que eu queria e quando disse falaram que eu tinha que ir pra defensoria pública, eu disse que tinha dinheiro pra um advogado, o que queria era que eles se posicionassem como órgão contra preconceito, só depois de mostrar minha credencial de jornalista é que eles foram querer resolver. Essas pessoas não são qualificadas, o governo só usa essas secretarias para distribuir cargos (Entrevista realizada com Nico).

A deputada Ramona Maye foi eleita por ser indígena, mulher e integrante de uma comunidade indígena que vive da agricultura, ela é do partido do presidente Evo Morales, do MAS e se mostrou contente com as políticas públicas atuais. Durante a entrevista a deputada se mostrou tímida, tinha outro compromisso e por isso nosso tempo foi curto.

[Tathiana: Como a senhora avalia a atual gestão na perspectiva indígena?] Eu, a gente, não éramos priorizados antes, mas quando ele entrou fomos reconhecidos, nós mudamos, ele está priorizando a gente. Diminuímos a pobreza, ele dá um bônus para os nossos vizinhos, dá educação, valoriza as mulheres indígenas, que são mais que os homens. Eu me sinto orgulhosa, seguimos progredindo com Evo. [Tathiana: A senhora vive em território indígena? Como está a situação por lá?] Vivo no TIM, lá falta o tema produtivo. Lá tem linha de celular e antes nunca tivemos. Ele conhece muito bem nosso território, antes a gente não dava a mão pro presidente, agora com ele é diferente, nos recebe de mãos abertas. Se a gente não tivesse se mobilizado nada disso existiria, o bebê que não chora não mama. [Tathiana: Como a senhora observa a discriminação atualmente na Bolívia?] Antes éramos discriminados, antes escolhiam, agora escolhemos, todos nos respeitam, agora é tudo tranquilo. Claro que as vezes discutimos, mas não se diz o que se quer. [Tathiana: O que a senhora pode falar sobre a lei antidiscriminação?] Essa lei saiu antes do meu início como parlamentar, falta difundir essa lei. Muitas vezes não se difunde e a lei se perde. Com a lei ninguém pode te discriminar, é um respaldo que nós temos. Temos que aplicar essa lei, com a minha base eu faço a divulgação, toda lei que sai eu faço a divulgação, chamo todos da minha base e se explica. [Tathiana: É diferente a Bolívia ser governada por um indígena?] A Bolívia nunca tinha passado por isso antes, ele é um homem indígena, nosso irmão fez mudanças, agora temos nossos recursos, antes só roubavam a gente. Todos apoiam o presidente, graças a ele tomamos água limpa, temos educação, ele sempre vai ser apoiado (Entrevista realizada com Ramona Maye).

A deputada, mulher e indígena, que vive em um território reconhecido como indígena, demonstrou total apoio ao presidente Evo Morales, de forma incondicional. Afirmou que agora eles poderiam escolher e não assistir a escolha que os outros tomavam, que poderiam tocar a mão do presidente quando os visitava, diferente de antes que as autoridades não se misturavam. Além de exemplificar como o contexto mudou, inclusive com acesso regular a tecnologia. Foi uma entrevista que de forma enfática tentava me convencer como nada mais era igual e tudo pra melhor. No entanto, sabemos que na política nada pode ser definitivamente e substancialmente perfeito.

As entrevistas com as autoridades eu deixei para os últimos dias da minha viagem na cidade de Trinidad. Eu confesso que passei de moto e a pé várias vezes pela Prefeitura e não entrei para tentar a entrevista. Eu acredito que precisava me preparar ou que não seria fácil encontrá-lo. No entanto, foi ao contrário, eu fui para a prefeitura em um dia que o expediente era corrido, no dia seguinte era feriado, então esperei até que ele pudesse me atender, após algumas horas ele pediu pra que eu entrasse e conversamos até um pouco em português.

[Tathiana: Como o senhor sendo de partido de oposição percebe o governo de Evo Morales?] Fizeram coisas sim, o problema mais é o centralismo, nós perdemos recursos, reduziram 50% e tivemos que arcar com tudo, com todas as competências, deixou pra gente a saúde e isso compromete a nossa gestão. [Tathiana: Como é a relação Oriente/ Ocidente?] A lei que instauraram é boa, nós temos coisas diferentes deles (dos ocidentais), aqui (Beni) temos *collas* e *cambas*, não existe uniformidade entre os dois povos. [Tathiana: Existe conflito?] Muitos vieram pra cá e demora que se integrem. Por mais que eu seja oposição não posso deixar de dizer que existe o lado bom e o lado ruim, como em tudo. O governo tem ao seu favor o período de bonança que pegou, é uma vantagem pro governo. [Tathiana: O que o senhor destacaria como ponto positivo e negativo do governo?] O bom é que fizeram inclusão e o ruim são os gastos desnecessários, por exemplo: quando tem qualquer manifestação eles trazem pessoas de todas as partes, foi assim que aconteceu em Cochabamba, é um gasto desnecessário, deveriam investir em outras coisas (Entrevista realizada com Mario Suarez).

O prefeito da cidade se posicionou de forma intencionalmente equilibrada, relatando dois pontos de vista e ressaltando a falta de uniformidade entre os povos. Mas será que existiria essa necessidade? É justamente na diversidade que enriquecemos nossa cultura, economia e educação. No entanto, esse ponto é super valorizado e serve como mecanismo de distinção entre as identidades de uma nação. No fim da entrevista com o prefeito ele me disse que agora eu teria que conversar também com o governador, e que seria mais difícil com ele por conta da agenda.

Apesar da perspectiva do prefeito, não foi difícil conseguir entrevistar o governador. Apenas, como de costume, precisei do aval de duas secretária pra poder esperar e tentar a entrevista. Ele aceitou e eu fui contente para sua sala, ainda que com pouco tempo, eu notei que ele queria detalhar suas respostas.

[Tathiana: Como o senhor avalia o governo na temática social e indígena?] Primeiro penso que se fez mais em dez anos do que em cento e oitenta, a maioria indígena e mestiço votavam, mas não elegiam. Os políticos decidiam entre eles, faziam alianças, por isso tinha muita instabilidade e esses governos privatizaram tudo. Evo aparece como um líder das demandas do povo, da injustiça e também da classe média. É aí que se tem a refundação de Evo Morales, nasceu o Estado Plurinacional da Bolívia. [Tathiana: Como é a relação entre orientais e ocidentais, no governo do MAS?] Antes havia muita guerra, havia polarização e manifestação. Isso mudou quando Evo Morales entrou e viram ele trabalhando pelo Oriente, investiu em estradas e com isso a tensão foi diminuindo. Os orientais são diferentes em tudo, mas vivemos dentro da mesma pátria. A Constituição incorpora os indígenas, antes isso era só um sonho, agora temos *cholas*, sindicalistas e caminhoneiros dentro da câmara. Temos eles representando o povo. Existe a lei de que 50% dos políticos têm que ser mulheres, isso transformou a vida do nosso país. Se reconhece a existência indígena em tudo. Fora isso, Evo Morales se preocupou em nacionalizar nossos recursos, empresa de telefonia e outras coisas. O que era antes só pra ter lucro passou a ter utilidade, a ganância se reinventa. O que temos são resultados palpáveis, uma transformação grande nas nossas mulheres e crianças, que antes viviam na extrema pobreza. Agora está diferente, temos inclusive ministros indígenas e diplomatas indígenas, eles são estudados, assim como tem em outros países. Agora eles têm visibilidade. [Tathiana: Qual demanda o senhor poderia citar para que o governo trabalhe mais?] O que falta é o fortalecimento da liderança, a autogestão, que eles saibam se organizar (Entrevista realizada com Alex Ferrier Abidar).

O governador demonstrou entusiasmo em evidenciar a diferença que a liderança de Evo Morales representa. Relatou as diferenças entre a população, que as melhorias são perceptíveis, não se pode negar. Sendo assim, o que falta melhorar seriam questões de ordem política da autogestão, de gastos. Suas respostas parabenizavam a fundação de uma nova perspectiva para a Bolívia.

A última entrevista foi com o Monsenhor Roberto Bordi. Para a pesquisa seria importante compreender um ator que está tão associado aos índios como a igreja. Minha intenção era de me encontrar com o padre da catedral da cidade, no entanto, quando afirmei a finalidade da pesquisa e as perguntas que faria ele não quis ser entrevistado, pediu pra que eu subisse as escadas e abordasse o Monsenhor. Só depois compreendi que o padre poderia não

ter autorização para assuntos políticos. O Monsenhor me atendeu bem e respondeu de uma forma muito didática e muito gentil me presenteou com alguns dos livros que escreveu.

[Tathiana: Qual é a percepção da igreja quanto ao governo de Morales?] Não é fácil dar uma opinião objetiva, é preciso remontar ao tempo da colonização. A igreja tem como finalidade evangelizar, chegou com essa finalidade obedecendo um mandado de Cristo. Os missionários entraram com os colonizadores, em alguns casos eles se identificaram sim com os colonizadores. Bom, o Papa concedeu este privilégio de estender o reino de Deus nas Américas. Atuaram no político e no religioso, por isso se fala da cruz e da espada. Na prática, a igreja tratou de evitar os abusos, mas a igreja não podia se desvincular do político, a igreja se opôs a escravidão. O propósito prioritário era evangelizar e as vezes tinha dificuldade com os políticos, pra esses o que importava era o dinheiro e o poder, assim como agora também, não levam em consideração a religião. Por isso estiveram do outro lado. Tudo isso que citei criou uma perspectiva duvidosa acerca da igreja: uma que a igreja estava associada aos colonizadores, por outro lado, que a igreja levava a civilização, a cultura e vindo como um benefício para os indígenas. A igreja foi contra os políticos, para proteger os indígenas, nem todo o clero tinha essa visão, que os povos indígenas tinham que ser livres. O que teve como consequência um condicionamento negativo, por outro lado foi uma ajuda. O que houve foi uma certa aliança e havia gente honesta entre os políticos também. Enfim, não é fácil discernir sobre tudo isso. Atualmente, em geral a maioria das pessoas apóiam a igreja, pelas suas ações sociais, há uma espécie de convênio entre a igreja e o Estado, só que com o MAS e a Constituição isso está mudando, mesmo a maioria do MAS sendo católica. O MAS tem uma ideologia de orientação socialista, certos políticos do MAS falam que a igreja é colonizadora e dentro do processo de descolonização incluem a igreja. Mas se você tira a igreja quem é que fica? 0,3% é que tem costumes tradicionais, o governo quer tirar a igreja, manifestou a intenção, mas eles não podem. Eles tiraram o subsídio da igreja, tiraram a igreja como oficial do Estado. De todas as formas há hostilidade, certas legislações sobre casamento rápido, aborto, eles atacam e a gente também. Alguns indígenas apoiam esse comportamento do Estado, mas outros não. Como a igreja não está de acordo com o que o Estado faz, então eles não veem mais aqui. A igreja segue trabalhando pelos indígenas. A igreja é universal, Cristo não disse para a igreja ir ao mundo menos a Bolívia. A finalidade principal não é política, eles acusam que a igreja se mete em política, mas os padres são cidadãos, eles têm direito de fazer parte da sociedade. O que não pode é que assumam cargos políticos, isso não pode, não há intervenção na política no sentido jurídico. A igreja fala é do ponto de vista ético, do moralmente correto, é aí onde se instala o conflito porque os políticos não entendem de ética, mas a igreja sim. A igreja não faz discriminação, vivemos sobre o aspecto religioso. A igreja tem ideologia própria, justiça, liberdade e economia a serviço do homem (Entrevista realizada com Roberto Bordi).

O Monsenhor toca em um ponto importante, o conflito que sempre existiu entre a igreja e a política, entre esses interesses que podem ser divergentes. Na opinião do

religioso, os políticos não lidam com a ética, mas eles sim. Logo, as representações políticas não são os mais aptos a abordar a justiça e a liberdade como o campo institucional religioso.

Logo, cada uma das entrevistas evidenciaram uma face da disputa do jogo de poder boliviano, baseado principalmente na construção das diversas identidades, que foram constituídas por um passado histórico e um presente com vários recortes estruturais, políticos, superficiais e inspiradores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nova constituição boliviana representa um ponto de inflexão traçado na história dos indígenas e dos direitos humanos como um todo. Tal constituição consagra um novo *status* de valorização, conscientização, pertencimento, ressignificação e importância aos indígenas bolivianos. A Bolívia possui mais da metade de sua população autodeclarada indígena, com a mudança constitucional a relação entre os indígenas e não indígenas também é afetada e um novo panorama de socialização e relação de poder é construído.

A ressignificação da identidade indígena e adoção de um novo tipo de Estado fazem parte de uma agenda central da política boliviana, devido à vontade de superar a estrutura de dominação que se vive desde o período colonial. Utilizou-se do pensamento de Las Casas para demonstrar que o discurso em defesa dos direitos humanos para os indígenas deu os primeiros passos no período colonial. Las Casas defendeu que a colonização dos indígenas tinha de ser pelo convencimento e não por vias violentas.

Em seguida, Boaventura de Sousa Santos esclareceu o conceito de interculturalidade que a Bolívia possui em sua constituição. Conceito que *a priori* transforma as relações entre as sociedades e entre sociedade-Estado. Vale ressaltar que mudanças cobram tempo e vontade política.

As compreensões de Aníbal Quijano e Michel Foucault dialogaram em busca do entendimento teórico para o estudo do caso prático da Bolívia. Considerou-se que os indígenas bolivianos encaixam-se na ideia de insurreição dos saberes sujeitados, de Foucault, para superar a colonialidade do poder, na ótica de Quijano.

Em um Estado plurinacional as nacionalidades e povos formam parte do Estado quando percebem e aceitam a autoridade e leis desse mesmo Estado, e, além disso, as culturas e as suas histórias. O Estado boliviano iniciou a formalização da identificação das suas várias

identidades, estas já existiam antes da nova Constituição e do governo de Evo Morales, suas tensões também se faziam presentes, a mudança que se propõe é de debater e visibilizar os choques desses encontros, tornando assim a Bolívia em um Estado plural e não cada vez mais regionalista e separatista. É o que o atual governo pretende, no entanto, o jogo de poder é muito delicado num país que busca ter independência econômica, logo, a sua política interna depende dos atores externos e das pressões sociais e midiáticas internas.

Os entrevistados *collas e cambas* relatam do benefício da lei antidiscriminação, evidenciam que sentem a melhoria nas relações interpessoais em decorrência da lei, mas que, todavia é cedo para uma mudança consciente e inconsciente de suas atitudes e pensamentos.

Um ponto específico citado nas entrevistas pode ganhar destaque durante os próximos anos em Trinidad, refiro-me colonização interna ou ao contrário. O assunto foi abordado na ótica da relação *collas e cambas*, onde o entrevistado demonstrou preocupação com a quantidade cada vez mais expressiva de imigrantes do altiplano na cidade de Trinidad. Entendo o seu ponto de vista, mas questiono se da mesma forma não há um movimento *camba* que continua forte de autonomia. A relação de dominação entre os seus próprios povos parece crescer e os direitos humanos dos indígenas e não indígenas cada vez mais limitados.

A Bolívia levantou uma bandeira contra-hegemônica que repercute na política externa e dinamiza o sistema internacional, um indígena presidente que se orgulha de sua identidade defende que o Estado tem uma alternativa, a plurinacionalidade através da descolonização. Será possível afirmar que os indígenas alcançaram o poder? As políticas do *Viceministerio de Descolonización* serão capazes de diminuir as práticas eurocêntricas do ser e saber?

Por ora, não se pode responder a tais questionamentos com convicção, são apenas sete anos de nova Constituição e todas as mudanças atreladas a ela. Mas pode-se afirmar que é um desafio de relevância para os pesquisadores se aprofundarem e acompanharem essa nova experiência boliviana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLERDING, Rodrigo Araya. Movimiento Nación Camba de Liberación 2009. História Camba.com, 2011. Disponível em: < <http://www.historiacamba.com/movimientos-emergentes-en-santa-cruz/>> . Acesso em: 18 de ago. 2017.

BARIÉ, Cletus Gregor. *Pueblos indígenas y derechos constitucionales en América Latina*. Bolivia: Abya Yala, 2003.

BOLÍVIA. História de Beni. Disponível em< <http://www.bolivia.com/Turismo/ciudades/beni/historia.htm> > Acesso em 24 de ago. 2017.

BOLÍVIA. *Constitución Política del Estado Plurinacional de Bolivia* (2009). Disponível em: <http://bolivia.infoleyes.com/shownorm.php?id=469>. Acesso em: 14 de Julho de 2016.

\_\_\_\_\_. Viceministerio de Descolonización. Ministerio de Culturas (Org.). *Primer encuentro departamental del proceso de descolonización*. 2010. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/bolivien/07575.pdf>>. Acesso em: 10 julho. 2016

\_\_\_\_\_. Viceministerio de Descolonización. *Organigrama* (2016). Disponível em: < <http://www.minculturas.gob.bo/index.php/template/lorem-ipsum/organigrama>>. Acesso em: 14 de Julho de 2016.

\_\_\_\_\_. Viceministerio de Descolonización. *Viceministerio de Descolonización define actividades com ocho governaciones para esta gestión*. (2015). Acesso em: 14 de Julho de 2016.

CABRA, Eduardo; ARCAUTE, Rafael; PÉREZ, René. **Latinoamérica**. In: CALLE 13; MOMPOSINA, Totó La; BACA, Susana; RITA, Maria. Entre los que quieran. Peru: Sony BMG, 2011. CD. Faixa 5.

CHIVI VARGAS, Idón Moises. *Os caminhos da descolonização na América Latina: os povos indígenas e o igualitarismo jurisdiccional na Bolívia*. In: VERDUM, Ricardo (org). Povos indígenas: constituições e reformas políticas na América Latina. Brasília. Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC), 2009.p.151-166.

DUSSEL, E.D. *1492 o encobrimento do outro: a origem do "mito da modernidade"*. Petrópolis: Vozes, 1993.

FAVRE, Henri. *El indigenismo*. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREITAS, Caroline Cotta de Mello. “De la protesta a la propuesta”: Luta política, identidade e etnicidade **na Bolívia**. 2012. Disponível em: <

[http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_28\\_RBA/programacao/grupos\\_trabalho/artigos/gt64/Caroline Cotta de Mello Freitas.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_28_RBA/programacao/grupos_trabalho/artigos/gt64/Caroline Cotta de Mello Freitas.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2015.

GRIJALVA, Agustín. “*El Estado Plurinacional e Intercultural en la Constitución Ecuatoriana del 2008*”. Revista Ecuador Debate, núm.75. p.49-62,2008.

HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1997.

INSTITUTO Nacional de Escadistica-INE. *Censo nacional de población y vivienda de 2012*. Disponível em <<http://datos.ine.gob.bo/binbol/RpWebEngine.exe/Portal?LANG=ESP>>. Acesso em: 12 de ago. 2017.

\_\_\_\_\_. *Aspectos geográficos*. Disponível em < <http://www.ine.gob.bo/index.php/bolivia/aspectos-geograficos>>. Acesso em: 12 de ago.2017.

MOSQUEIRA, Gustavo Pinto. Pueblo, nación y nacionalismo cambia. Santa Cruz de la Sierra: Fundación Nova, 2008

OPINIÓN,2013. Pueblos originários-memória.Disponível em<<http://www.opinion.com.bo/opinion/articulos/2013/0806/noticias.php?id=102436>>. Acesso em: 24 de ago. 2017.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. p.227-278.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2014), “*La refundación del Estado en América Latina: Perspectivas desde una epistemología del Sur*”, in Coraggio, José Luis, Laville, Jean-Louis (orgs.)Reinventar la izquierda en el siglo XXI: Hacia un diálogo Norte-Sur. Quito: Instituto de Altos Estudios Nacionales (IAEN), 299-315.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Bráulio de Magalhães. *Plurinacionalidade, Estado Multicultural e Direitos Humanos*. Espaço Jurídico – Journal of Law, Joaçaba, v. 13, n.1, p.31-52, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/espacojuridico/article/view/1377/913>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

SILVA JÚNIOR, Gladstone Leonel da. *A constituição do estado plurinacional da Bolívia como um instrumento de hegemonia de um projeto popular na América Latina*. 2014. Xv, 345., il.Tese (Doutorado em Direito)-Universidade de Brasília, Brasília 2014.

SOUCHAUD, Sylvain; BAENINGE, Rosana. Collas e cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. In: Revista brasileira de estudos de população, São Paulo. v. 25, n. 2, p. 271-286. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982008000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982008000200005)>. Acesso em:15 de ago. 2017.

VAN COTT, Donna Lee. *The Friendly Liquidation of the Past: The Politics of Diversity in Latin America*. Pittsburgh: The University of Pittsburgh Press, 2000.

WOLKMER, Antonio. *Aportes críticos na reinterpretação da tradição do Direito na América Latina*. São Luís, 2008, manuscrito inédito.

YRIGOYEN, R.Z. Aos 20 anos do Convenio 169 da OIT: Balanço e desafios da implementação dos direitos dos povos indígenas na America Latina. Brasília: Instituto de Estudos Socioeconômicos, 2009. 236 p. Org. Ricardo Verdum.

## ANEXOS

Algumas fotos dos entrevistados:



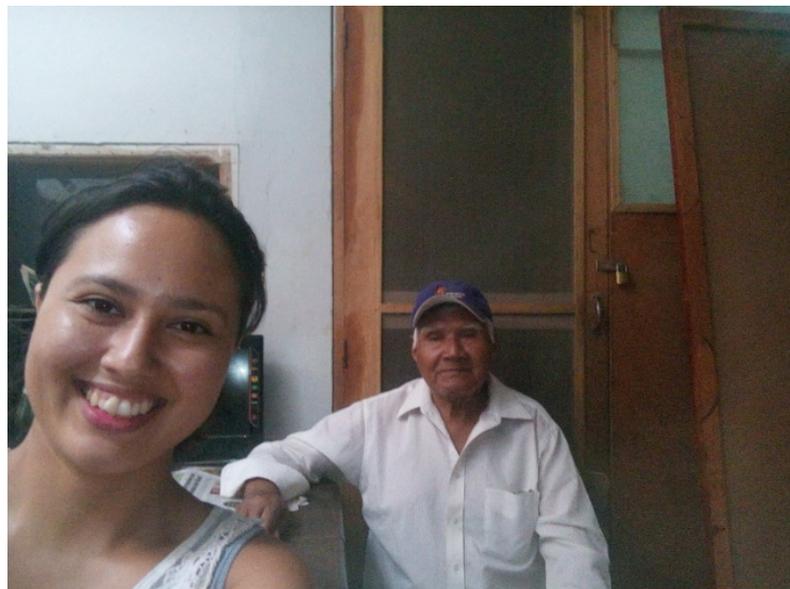
Hernán Humberto Alcón Churme e Alfredo Alcón Churme



Napoleon Loras Vasques



Maria Ines Justiniano Chivana, Marylus Vaca Prada e Marta Celaty



Ernesto Naetamo



Prefeito de Trinidad



Governador de Beni

**Tabela 3:**Dados de identificação de pertença a nações ou povos maioritários ou minoritários-2012

<b>(A: Naciones o pueblos mayoritarios-B: Naciones o pueblos minoritarios contemplados en la ley del Régimen Electoral-C: Otro tipo de Declaraciones), Sobre los TOTALES que se muestra, por favor ver "Documentación de la Variable"</b>	<b>Casos</b>	<b>%</b>	<b>Acumulado %</b>
A - Aymara	1.598.807	38,07	38,07
A - Quechua	1.837.105	43,74	81,81
B - Afroboliviano	23.330	0,56	82,36
B - Araona	228	0,01	82,37
B - Ayoreo	2.189	0,05	82,42
B - Baure	3.328	0,08	82,5
B - Canichana	899	0,02	82,52
B - Cavineño	3.884	0,09	82,61
B - Cayubaba	2.203	0,05	82,67
B - Chacobo	1.532	0,04	82,7
B - Chiquitano	145.653	3,47	86,17
B - Bésiro	243	0,01	86,18
B - Uru Chipayas	1.988	0,05	86,22
B - Esse Ejjá	1.687	0,04	86,26
B - Guarasugwe	125	0	86,27
B - Guarayo	23.910	0,57	86,84
B - Guarani	96.842	2,31	89,14
B - Itonoma	16.158	0,38	89,53
B - Joaquiniano	4.223	0,1	89,63
B - Kallawaya	11.662	0,28	89,91
B - Leco	13.527	0,32	90,23
B - Machineri	52	0	90,23
B - Maropa	4.505	0,11	90,34
B - Reyesano	252	0,01	90,34
B - Mojeño	42.093	1	91,34
B - Ignaciano	1.007	0,02	91,37
B - Javeriano	40	0	91,37
B - Loretano	93	0	91,37
B - Trinitario	7.073	0,17	91,54
B - Moré	255	0,01	91,55
B - Mosestén	3.516	0,08	91,63
B - Movima	18.879	0,45	92,08
B - Murato	207	0	92,08
B - Uru-ito	2	0	92,08
B - Urus	1.353	0,03	92,12
B - Pacahuara	227	0,01	92,12

B - Sirionó	782	0,02	92,14
B - Tacana	18.535	0,44	92,58
B - Tapiete	144	0	92,58
B - Tsimane Chimán	16.958	0,4	92,99
B - Weenayek	5.315	0,13	93,12
B - Yaminahua	259	0,01	93,12
B - Yuki	342	0,01	93,13
B - Yuracaré	6.042	0,14	93,27
B - Yuracaré-Mojeño	733	0,02	93,29
C - Akarapis	68	0	93,29
C - Andamarca	103	0	93,29
C - Aroma	583	0,01	93,31
C - Ayllu Jalka	311	0,01	93,32
C - Ayllu Jila	176	0	93,32
C - Ayllu Jukumani	39	0	93,32
C - Ayllu Kacachaca	49	0	93,32
C - Ayllu Kharacha	131	0	93,33
C - Ayllu Porco	137	0	93,33
C - Ayllu Yura	68	0	93,33
C - Belén	35	0	93,33
C - Calcha	15	0	93,33
C - Challapata	199	0	93,34
C - Chaqui	114	0	93,34
C - Charagua	207	0	93,34
C - Charazani	27	0	93,34
C - Chayanta	335	0,01	93,35
C - Chichas	59.480	1,42	94,77
C - Chiriguano	327	0,01	94,78
C - Choquecota	25	0	94,78
C - Chullpas	147	0	94,78
C - Condo	37	0	94,78
C - Coroma	1.574	0,04	94,82
C - Corque	184	0	94,82
C - Curahuara de Carangas	74	0	94,83
C - Huachacalla	13	0	94,83
C - Huari	136	0	94,83
C - Huaylla Marka	65	0	94,83
C - Jach'a Pacajaqui	753	0,02	94,85
C - Jacha Carangas	1.454	0,03	94,88
C - Jatun Killacas	23	0	94,88
C - Jesús de Machaca	86	0	94,89
C - Killacas	329	0,01	94,89
C - Lagunillas	62	0	94,89
C - Larecaja	449	0,01	94,91
C - Layme	6	0	94,91
C - Lipez	1.269	0,03	94,94
C - Mataco	51	0	94,94

C - Mojocoya	39	0	94,94
C - Monkox	2.840	0,07	95,01
C - Moro Moro	19	0	95,01
C - Orinoca	46	0	95,01
C - Pampa Aullagas	41	0	95,01
C - Pati Pati	29	0	95,01
C - Pojos	44	0	95,01
C - Pojpo	7	0	95,01
C - Poroma	130	0	95,01
C - Pucara	57	0	95,01
C - Pukina	751	0,02	95,03
C - Qhapaq Uma Suyu	300	0,01	95,04
C - Qhara Qhara	5.787	0,14	95,18
C - Qollas	4.944	0,12	95,29
C - Quila Quila	83	0	95,3
C - Quillacas	931	0,02	95,32
C - Sabaya	90	0	95,32
C - Salinas	108	0	95,32
C - San Juan	94	0	95,33
C - Suyu Charcas	117	0	95,33
C - Suyu Chuwi	482	0,01	95,34
C - Suyu Sura	1.524	0,04	95,38
C - Tinquipaya	221	0,01	95,38
C - Tobas	86	0	95,38
C - Totoro Marka	202	0	95,39
C - Turco	45	0	95,39
C - Uchupiamonas	585	0,01	95,4
C - Ucumasi	10	0	95,4
C - Urmiri de Quillacas	23	0	95,4
C - Yampara	7.050	0,17	95,57
C - Yapacaní	126	0	95,58
C - Originario	21.031	0,5	96,08
C - Intercultural	3.873	0,09	96,17
C - Campesino	124.146	2,96	99,12
C - Indígena	34.076	0,81	99,94
C - Indígena u originario no especificad	2.712	0,06	100
<b>Total</b>	<b>4.199.977</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
<b>Ignorado :</b>	<b>5.859.879</b>		

Fonte: do Instituto Nacional de Escadística-INE. Disponível em <http://datos.ine.gov.bo/binbol/RpWebEngine.exe/Portal?LANG=ESP>. Acesso em: 12/08/2017.